

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - UNIFESP
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE - CEDESS
PROGRAMA DE MESTRADO ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

PATRIZIA VIZZUSO

O CONFLITO AUTONOMIA-DEPENDÊNCIA NA
ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DAS DROGAS:
intervenção em um grupo de adolescentes do CRAS.

Santos
2014

PATRIZIA VIZZUSO

**O CONFLITO AUTONOMIA-DEPENDÊNCIA NA
ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DAS DROGAS:
intervenção em um grupo de adolescentes do CRAS.**

Dissertação apresentada a Universidade Federal
de São Paulo – UNIFESP – para obtenção do
título de Mestre Profissional em Ensino em
Ciências da Saúde.

Orientador: Sidnei José Casetto
Co-orientadora: Laura Câmara Lima

Santos
2014

V864c Vizzuso, Patriza, 1970-
O conflito autonomia-dependência na adolescência e a questão das drogas: intervenção em um grupo de adolescentes do CRAS. / Patriza Vizzuso ; Orientador: Prof. Dr. Sidnei José Casetto ; Coorientadora: Profª. Dra. Laura Câmara Lima. – Santos, 2014.
102 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista, Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências da Saúde, 2014.

1. Humanos – autonomia. 2. Humanos – conflito autonomia-dependência. 3. Abuso de drogas. I. Casetto, Sidnei José, Orientador. II. Lima, Laura Câmara, Coorientadora. III. Título.

CDD M610

PATRIZIA VIZZUSO

**O CONFLITO AUTONOMIA-DEPENDÊNCIA NA
ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DAS DROGAS:
intervenção em um grupo de adolescentes do CRAS.**

Dissertação apresentada a Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – para obtenção do título de Mestre Profissional em Ensino em Ciências da Saúde.

Orientador: Sidnei José Casetto
Co-orientadora: Laura Câmara Lima

Aprovado em: 17 de setembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a): Marcelo Domingues Roman
UNIFESP - Baixada Santista

Prof.(a) Dr.(a): Lara Cristina d'Ávila Lourenço
UNIFESP - Baixada Santista

Prof.(a) Dr.(a): Maria Izabel Calil Stamato
UNISANTOS - Universidade Católica de Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - UNIFESP
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE - CEDESS
Programa de Mestrado Ensino em Ciências da Saúde

Diretora do CEDESS: **Profa. Dra. Irani Ferreira da Silva Gerab.**

Coordenadora do Programa de Mestrado: **Profa. Dra. Sylvia Helena Souza da Silva Batista.**

DEDICATÓRIA

Esse trabalho é dedicado ao meu filho, que com seu amor e humor me mostra a cada dia que a vida vale a pena.

Ao meu marido e amigo, que com amor me apoiou em todos os sentidos na realização deste trabalho.

À minha mãe grande mestra da vida e meu maior e melhor exemplo.

Ao meu pai e meu irmão que me ensinam, de maneira muito particular, a exercitar minha autonomia

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus pela oportunidade de vivenciar este trabalho e por todas as condições favoráveis que me foram concedidas e que permitiram sua conclusão com algum propósito.

À Unifesp e à Prefeitura de Guarujá pela autorização, parceria e apoio no desenvolvimento desta pesquisa.

À Rosa Brites Rodrigues e Maria Angélica de Araújo Cruz por permitirem que este trabalho fosse realizado no meu local de trabalho.

A todos os adolescentes, pais, profissionais do CRAS e colegas de trabalho que confiaram nesta proposta e que permitiram que ela acontecesse.

Ao meu orientador Sidnei José Casetto, grande mestre, que com sua paixão, objetividade e admirável sabedoria, facilitou vivenciar minha autonomia na execução deste trabalho, tornando tudo mais claro e acreditando em mim.

À co-orientadora Laura Câmara Lima, que, por seus questionamentos provocadores, paixão e também grande sabedoria me estimulou no processo deste trabalho.

Ao meu marido, Leonardo, que me apoiou, auxiliou na organização de idéias e revisou todo meu trabalho.

À sempre amiga e companheira dessa e de outras jornadas, Olívia, por acreditar em mim.

Agradeço também a todos os professores que contribuíram com conhecimento durante todo o curso.

Aos meus amigos e colegas de curso pela ajuda nos momentos críticos e pela troca.

Aos meus colegas de trabalho pela colaboração e troca também.

Agradeço a todos que estiveram presentes direta ou indiretamente neste processo e que contribuíram de alguma forma.

Ninguém realiza nada sozinho.

" Porque nada pode saber por você. Nada pode crescer por você. Nada pode buscar por você. Nada pode fazer por você o que você mesmo deve fazer. A existência não admite representantes."
(Jorge Bucay)

RESUMO

O presente trabalho avaliou efeitos de uma intervenção em um grupo de adolescentes que frequentam o CRAS, na cidade de Guarujá, especificamente no Programa PROJOVEM Adolescente, visando promover a saúde. Utilizando a pesquisa-ação como método, grupos de reflexão como instrumento, e a psicanálise como referencial teórico, a pesquisa investigou os efeitos da intervenção em relação ao conflito dependência-autonomia neste grupo, com o objetivo de sua tomada de consciência pelos adolescentes, particularmente com relação à questão do uso de drogas. Propondo uma relação mais horizontal no grupo, pôde-se constatar que a referência de relação social que os adolescentes dispunham era vertical, o que favorecia a dependência desses jovens, tornando-os mais vulneráveis. Durante o processo observaram-se transformações na posição dos participantes em relação à autonomia, chegando a realizarem uma produção grupal. Concluiu-se pela constatação de benefícios de um espaço de reflexão para adolescentes que opere de modo análogo a um espaço potencial, em termos winnicotianos, favorecendo maior consciência e respostas mais criativas aos seus conflitos, e, conseqüentemente, maior autonomia.

Palavras-chave: adolescência; conflito autonomia e dependência; abuso de drogas.

ABSTRACT

This study evaluated the effects of an intervention on a group of teenagers attending CRAS in the city of Guarujá, specifically in PROJOVEM Adolescent Program, to promote health. Using action-research as a method, reflexion groups as a tool, and psychoanalysis as a theoretical framework, this research investigated the effects of intervention in relation to dependency-autonomy conflict in this group with the purpose of their awareness taking by adolescents, particularly with the issue of drug use. Proposing a more horizontal relationship in the group, it could be seen that the reference of social relationship that teenagers had was vertical, which favored the dependency of these young people, making them more vulnerable. During the process there were changes in the position of the participants in relation to autonomy, reaching a group production making. It was concluded by noting benefits of a reflection space for teens that operates analogously to a potential space in winnicottians terms, encouraging a greater awareness and more creative responses to their conflicts, and consequently, greater autonomy.

Keywords: adolescence; autonomy conflict and dependence; drug abuse.

SUMÁRIO

1 - Introdução.....	10
1.1 - Podemos favorecer a autonomia?.....	19
2 - Objetivos	26
2.1 - Objetivo Geral	26
2.2 - Objetivos Específicos	26
3 - Método	27
3.1- Tipo de pesquisa.....	27
3.2 - Sujeitos	27
3.3 - Características do grupo de adolescentes atendidos no CRAS.....	28
3.4 - Procedimentos	29
3.5 - Postura do Pesquisador.....	30
3.6 - Critérios de Avaliação	31
4 - Resultados	33
4.1-Análise dos Encontros	33
4.1.1 - 1º Encontro.....	33
4.1.2 - 2º Encontro	36
4.1.3 - 3º Encontro	38
4.1.4 - 4º Encontro.....	43
4.1.5 - 5º Encontro.....	47
4.1.6 - 6º Encontro	54
4.1.7 - 7º Encontro	55
4.1.8 - 8º Encontro.....	59
4.1.9 - 9º Encontro	64
4.1.10 - 10º Encontro	66
4.2-Análise das Autodescrições.....	67
4.2.1 - Vilmar.....	67
4.2.2 - Victória	67
4.2.3 - Nayara.....	68
4.2.4 - Cleiton	68
4.2.5 - Belinha.....	69
4.2.6 - Gabriela	69
4.2.7 - Jorge	69
4.2.8 - Wilson.....	69
4.2.9 - Eliana.....	70

4.3 - Discussão	70
4.3.1 - Posição do facilitador	71
4.3.2 - Ambiente	72
4.3.3 - Drogas e dependência.....	73
4.3.4 - Autonomia	74
5 - Considerações finais.....	78
6 - Referências	79
Apêndice I – Roteiro do Grupo de Reflexão	84
Apêndice II - Devolutiva ao grupo de adolescentes	86
Apêndice III - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	90
Apêndice IV - Termo de Assentimento	92
Anexo I - Parecer do Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo	94
Anexo II - Autorização do município de Guarujá	96
Anexo III - Produção do grupo: texto para a peça teatral.....	97

1 - INTRODUÇÃO

Muito se tem falado na mídia hoje sobre adolescência e drogas, combinação enfatizada como perigosa e com sérias consequências para a sociedade. As notícias sobre jovens que utilizam drogas, que são veiculadas nos principais jornais impressos e televisivos, deixam muitos pais e professores preocupados sobre como ajudar a prevenir seu uso. De janeiro de 2012 a fevereiro de 2014, o site do jornal O Estado de São Paulo publicou mais de 460 notícias envolvendo adolescentes e drogas, e o portal g1.globo.com publicou em torno de 900 notícias sobre o mesmo assunto entre abril e fevereiro do mesmo ano.

No dia-a-dia, se prestarmos atenção à nossa volta, é comum ouvirmos comentários ou “frases feitas” entre os adultos, sugerindo a adolescência como fase “problemática”: “quando chegar à adolescência, e não se controla mais” ou “adolescência é uma fase difícil, tem que se tomar cuidado com as drogas!” Mas será que realmente é assim? Devemos temer a adolescência? Ela está sempre ligada às drogas? Devemos tratar essa fase da vida com a expectativa de que algo terrível pode acontecer a qualquer momento?

Segundo Sudbrack e Cestari (2005), a adolescência é um período de grandes mudanças e instabilidade de humor, além de ser um período no qual podem se manifestar conflitos latentes. Das pressões sociais e psicológicas vividas nesta fase, o adolescente pode buscar alívio no uso de drogas, que vêm sendo utilizadas cada vez mais cedo e com mais frequência pelos jovens em nossa sociedade.

Da família para o meio social, o adolescente, aos poucos, vai transferindo seus interesses e experimentando vivências até então não permitidas, tais como namorar, sair para baladas, usar álcool, na ânsia de assumir uma posição de maior poder. O consumo de drogas é, em nossa cultura, parte da realidade do mundo adulto e, portanto, uma vivência que muitos adolescentes anseiam ter, como sinal de pertencimento a este mundo. Assim como o sexo, o trabalho e a vivência do amor, também as drogas, como bebidas e o cigarro, são expressão do mundo adulto, em muitas realidades culturais.

Mas há uma diferenciação entre as drogas ilícitas e lícitas em nosso meio social, e pouca atenção se tem dado aos danos à saúde e à vida sobre as lícitas, como por exemplo, aqueles provocados pelo beber em excesso e sobre beber e dirigir. Anteriormente à Lei Federal nº11.705/2008, que proíbe dirigir sob efeito de álcool, conhecida como “Lei Seca”, esses hábitos eram comuns e aceitos, fazendo parte do cotidiano da população, e,

consequentemente, dos jovens. A atual resolução 432/2013 do Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN) torna mais rigorosa a “lei seca”, diminuindo os limites de tolerância e as punições para quem infringe a lei, demonstrando evidente preocupação com os índices de acidentes de trânsito¹.

Outra iniciativa dos poderes públicos no sentido do endurecimento das políticas anti-drogas (lícitas) foi a lei estadual nº 14.592, sancionada pelo governador Geraldo Alkmin em 19 de outubro de 2011, que firma a proibição ao uso de bebidas alcoólicas por crianças e adolescentes no Estado de São Paulo e não só proíbe a venda, a entrega e oferta de álcool a menores, mas também proíbe o consumo pela mesma faixa etária, responsabilizando proprietários de estabelecimentos que descumpram tal regulamentação (SÃO PAULO, 2011).

Mas a mensagem social sobre drogas lícitas e ilícitas é contraditória. A droga lícita (bebida e cigarro) que são vetadas para jovens, também são vendidas em muitos lugares sem restrição de idade e o consumo é estimulado pela mídia. Segundo a lei e socialmente falando, o jovem não é considerado apto ao usufruto de drogas, por ser considerado imaturo, porém a droga é oferecida como algo muito bom nas propagandas que visam vendas de produtos. Vemos nos jornais e televisão propagandas de substâncias como a cerveja (e anteriormente isso acontecia também com o cigarro), por exemplo, nas programações, e até há pouco tempo atrás sem restrição, oferecendo estilos de vida jovem de um mundo maravilhoso de gozo, no qual alegria, gente bonita e *status* são associados ao consumo daquelas substâncias. Sabemos que a propaganda tem a função de criar necessidades com a função de aumentar a fidelidade aos produtos e garantir vendas. A lei nº 9.294/96, que é uma lei recente, restringe as propagandas desses produtos entre as 6 e às 21 h. Quanto a cervejas e vinhos ainda se tem maior tolerância quanto à proibições pelo fato de serem consideradas bebidas de baixo teor alcoólico (PINSKY, 2013).

Campanhas contra drogas ilícitas, nas quais estas são combatidas com repressão, são bem comuns, enquanto que drogas lícitas são estimuladas na mídia (BÜCHELE et al., 2009), sendo que no Brasil as drogas lícitas são as principais causadoras de problemas de saúde. A Organização Mundial da Saúde - OMS estima que 4% das mortes ocorridas no mundo (cerca de 2,5 milhões de pessoas) são ocasionadas pela bebida, sem contar crimes

¹ Segundo o portal do Governo Federal, em matéria do dia 29 de janeiro de 2013, “Somente em 2010, 42.844 pessoas perderam a vida no trânsito e (...) em 2011, foram registradas 155 mil internações no Sistema Único de Saúde (SUS) relacionadas a acidentes de trânsito, o que representou um custo de mais de R\$ 200 milhões” (Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2013/01/29/nova-resolucao-deixa-lei-seca-mais-rigida> > Acesso em 05 fev. 2013).

passionais e acidentes de trânsito potencializados por ela. Segundo o Centro de Referência em Tratamento de Álcool, Tabaco e outras drogas - Cratod, 80% dos alcoolistas deram o primeiro gole antes dos dezoito anos, e boa parte deles entre onze ou doze anos. Segundo o instituto IBOPE apontou, 18% dos adolescentes entre 12 e 17 anos bebem regularmente e compram livremente bebidas no comércio (SÃO PAULO, 2010).

Bucher também questiona o fato da mídia promover o sensacionalismo frente às drogas ilícitas, sendo que a realidade brasileira é marcada pelo próprio consumo de drogas lícitas, “... além do álcool e do fumo, os indicadores parciais disponíveis apontam uma prevalência nítida de dois grupos de drogas das quais pouco se fala nos países industrializados, a saber, os inalantes e os solventes, e os medicamentos psicotrópicos” (BUCHER, 1992).

Os psicotrópicos, hoje, são consumidos em grande escala no Brasil. Drogas como Prozac, Certralina, Fluoxetina, e outros antidepressivos e ansiolíticos prometem a cura de “doenças emocionais”, estas que, muitas vezes, não passam de um processo natural do momento de vida do indivíduo. Pelegrine (2003) diz que predomina na atualidade o modelo da satisfação imediata do desejo e o apelo ao prazer, que é estimulado na mídia com promessas de satisfação que contagiam.

Neste contexto, outro produto que tem sido destaque na mídia são as bebidas energéticas, que têm feito parte das baladas de jovens e também de adultos, consumidas junto com o álcool de forma abusiva e arriscada. Segundo a Secretaria Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (Senad) 74,3% dos jovens pesquisados em 2010 faziam uso do produto e ainda segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias de Refrigerantes e Bebidas Não Alcoólicas (Abir) o consumo destas bebidas aumentou 25% de 2010 para 2011. (LENHARO, 2012).

E temos a Ritalina, como mais um exemplo de droga lícita, cujo uso passou de restrito aos casos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) para ser utilizado por pessoas saudáveis, adultas, no intuito de melhorar o desempenho mental (ORTEGA *et al.*, 2010), além dos remédios para emagrecer que causam dependência em pouco tempo de uso e estão sendo usados na busca do corpo perfeito por jovens, principalmente do sexo feminino (BAUS *et al.*, 2002).

Podemos perceber o quanto as drogas lícitas (e ilícitas) movimentam interesses financeiros e, por isso, é ingênuo pensar apenas em formas moralistas e repressivas de enxergar o problema, idealizando uma sociedade totalmente isenta dessas substâncias.

O adolescente está inserido neste contexto contraditório, com seus conflitos e buscas. Está em desenvolvimento, não sendo considerado maduro o suficiente para decidir ou ter escolhas com responsabilidade (CALLIGARIS, 2000). O jovem é colocado, pelo discurso social, numa posição de alguém que não é capaz de agir sobre sua realidade (RIBEIRO *et al.*, 1998). Assim, sugere-se a ele que suas decisões dependem do controle externo, como se não fosse capaz de decidir sozinho, precisando de outro que é autônomo, um adulto, para dar direcionamentos e tomar decisões por ele. No mesmo sentido, ao tentar proteger o adolescente das drogas, as políticas públicas terminam por reforçar a posição de submissão do adolescente em relação às normas e não seu senso crítico e sua autonomia na relação com elas.

Apesar das proibições, em nossa realidade, como mostram as notícias da mídia já citadas anteriormente, entre muitos adolescentes o uso de cigarros, bebidas ou drogas ilícitas é prática comum e cada vez mais frequente, sendo que mesmo as tentativas de proibir seu consumo não garantem que não façam uso ou se tornem dependentes, ou que não provoquem prejuízos pessoais, familiares e sociais.

As tentativas de lidar com a questão do jovem e as drogas têm sido feitas nos moldes da prevenção, mas os programas preventivos baseados na repressão têm sido eficazes? O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - Proerd² é um exemplo e, como o próprio nome diz, é um programa de prevenção nas escolas que orienta que a criança e o adolescente tenham medo e, portanto, resistam à droga. Esta visão preventiva está sendo discutida hoje e considerada por muitos profissionais como retrógrada, o que foi mostrado no Congresso Internacional sobre Drogas, entre 3 e 5 de maio de 2013, em Brasília. Neste congresso foi apontado que as atuais políticas sobre drogas no Brasil comprometem a autonomia e o processo da reforma psiquiátrica, que visa a internação em último caso (por ser repressiva na maioria das vezes), o que indica que não estamos evoluindo neste sentido e precisamos procurar outros caminhos para lidar com o problema (CRP, 2013).

² "O Proerd (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência), é um programa de educação preventiva ao uso de drogas, que tem por objetivo evitar que crianças e adolescentes iniciem o seu uso. Ele ensina técnicas centradas na resistência à pressão dos companheiros e auxílio para as crianças dizerem não às drogas.

O PROERD é um programa eminentemente preventivo, estratégico, tendo como objetivo principal educar as crianças em seu meio natural, a escola, com o auxílio de policiais fardados e professores. Dá ênfase especial em alcançar as crianças na 4ª série do Ensino Fundamental, mostrando-lhes os efeitos das drogas e ensinando as habilidades necessárias e motivação para manterem-se longe desse mal."

(Disponível em <<http://www.polmil.sp.gov.br/unidades/11bpmm/pag8.htm>>. Acesso em 19 set. 2014.)

Na história das políticas públicas sobre as questões que envolvem o uso e abuso de drogas e as que envolvem a prevenção também podemos perceber uma abordagem predominantemente repressiva. Em 1976, quando foi implementada a lei nº6.368 (lei que reprime o tráfico de drogas e consumo), até o ano de 2006, ou seja, trinta anos de vigência, o usuário de drogas era visto como um criminoso comum, sem nenhuma garantia de direitos.

Mais tarde, um estudo feito sobre os programas de prevenção entre os anos de 1991 a 2001, realizado por Canoletti e Soares (2005), mostra que esses programas, em sua maioria, estavam em fase de transição entre o modelo repressivo, já não considerado mais “politicamente correto”, e o novo modelo em construção denominado de “redução de danos”.

As discussões hoje, em torno da questão da prevenção, estão mais frequentes, envolvendo tanto as políticas públicas como a comunidade científica, mas realmente ainda pouco se faz a respeito e na prática (BÜCHELE et al, 2009). Vemos essas discussões acontecendo em notícias recentes como a de fevereiro de 2014 na qual o Conselho Municipal de Políticas Públicas de Drogas e Álcool de São Paulo - Comuda, em nova gestão, propôs, dentre suas muitas ações, a de prevenção ao uso, abuso e dependência química, envolvendo setores da saúde e suas ações (CRP SP, 2014).

Mas apesar das tentativas de mudança, ainda vemos posturas repressoras frente à questão das drogas, como mostra a notícia veiculada pelo Sinpsi (2014) quando a Polícia Civil do Departamento Estadual de Prevenção e Repressão ao Narcotráfico - Denarc, da Secretaria de Segurança Pública do governador Geraldo Alkmin, sem comunicar à Prefeitura de São Paulo, atirou balas de borracha e bateu nos dependentes químicos na Rua Barão de Piracicaba (local conhecido como cracolândia), interferindo no programa Braços Abertos, que visa cuidado e recuperação desses dependentes.

O discurso social é também muito pautado, ainda hoje, na repressão. Após a análise de três revistas destinadas a adolescentes, constatou-se (RIBEIRO *et al.*, 1998) o destaque da visão repressora, moralista e autoritária frente às drogas, omitindo o fator “prazer” como parte integrante das mesmas, com o intuito de não estimular o público a usá-las, mostrando o jovem sob uma perspectiva indefesa e carente de informações.

Uma vez que submetemos o adolescente a práticas repressivas de prevenção e de orientação de seus desejos, estamos supondo que ele deva se submeter a essas formas de pensamento. Nessa abordagem, o adolescente não está no lugar de sujeito, de protagonista da sua vida, e sim num lugar dependente e infantilizado. Se depender é ser orientado ou dirigido por outro alguém que guia e satisfaz desejos e anseios, essa é a forma de relação que se

aprende e pode ser reproduzida na relação do adolescente com outros objetos, ou adotada como estilo de vida e até mesmo com relação às drogas.

Além disso, a busca de identidade na adolescência pode levar às transgressões no intuito de saber mais sobre si, e o proibido passa a ser atraente. Segundo Salles (1998, p.140) “Para adolescentes o uso de drogas está associado à vontade de experimentar, para mostrar aos colegas, porque é proibido, para curtir a noite...” entre outros, de modo que posturas repressoras, podem no lugar de ser eficientes, estimular o consumo.

Estudos sobre prevenção já foram realizados, como o de Cid-Monckton e Pedrão (2011) que aponta os fatores de risco e de proteção mais relevantes que podem influir no consumo de drogas. Nesta pesquisa percebeu-se que a falta de atenção e de comprometimento na relação entre pais e filhos é um fator de grande relevância na vulnerabilidade do adolescente frente às drogas. Em outro estudo, sobre a influência da informação como medida preventiva ao uso de drogas na adolescência, Sanchez *et al.* (2011) apontam a informação como fator de proteção, principalmente a advinda da família, e a falta da mesma como fator de risco para o uso e abuso de drogas na adolescência.

Bucher (1992) escreve sobre a importância de um trabalho preventivo que leve em conta os valores humanos, fatores inconscientes do uso abusivo, a ideologia social, a consciência crítica sobre a visão de homem que o indivíduo constrói durante a vida, diferenciado da abordagem reducionista e repressora.

Porém, quando falamos em prevenção, falamos em doença, muitas vezes ainda hoje, focando o problema numa trajetória de causa e efeito, ou causa e doença. Tende-se a adotar, assim, uma postura higienista, objetivando evitar, ou chegar antes que o problema aconteça, tendo como fim o controle, afastando-se da promoção da autonomia frente às escolhas. Ainda prevalece hoje um modelo vertical de prevenção que prioriza a aquisição de novos comportamentos, mas desconsidera a subjetividade do sujeito, com sua história de vida e suas crenças e valores (GAZZINELLI *et al.*, 2005).

O conceito de promoção de saúde propõe a visão de aspectos mais amplos da questão da prevenção e atitudes mais saudáveis e autônomas dos indivíduos. Uma proposta que coloca a saúde, o bem-estar e o estilo de viver, como estratégias que promovem a transformação das condições de vida e, conseqüentemente, a singularidade e autonomia dos sujeitos (CZERESNIA, 2003), ou seja, minimiza as intervenções paternalistas, favorecendo respostas mais críticas e autônomas. Na Conferência Internacional sobre Promoção de Saúde, realizada em Ottawa (1986), já se discutiu a saúde como conseqüência da qualidade de vida e

como derivada de diversos fatores, como renda, educação, alimentação, etc. No Brasil este conceito foi reconhecido no mesmo ano (CZERESNIA, 2003).

Na prática, prevenção e promoção se diferenciam nas ações, sendo que a primeira enfatiza a doença e a segunda enfatiza a saúde. Segundo Czeresnia (2003) uma questão que se coloca aqui é a de “... a saúde pública se definir como responsável pela promoção da saúde, enquanto suas práticas se organizam em torno de conceitos de doença” (CZERESNIA, 2003, p.41).

Fica claro, portanto, que promover a saúde implica em ações do Estado, de forma mais ampliada e para além dos setores de saúde, e esta pesquisa vai ao encontro desta proposta, pois também tem intenções voltadas a um órgão público da Assistência Social do Guarujá (também cidade de referência da pesquisa): o Centro de Referência a Assistência Social (CRAS), uma unidade pública, fruto da parceria entre Prefeitura e Governo Federal, que é uma das portas de entrada para a população que reside no município, e que necessita das Ações de Assistência Social. O CRAS tem o objetivo da descentralização das ações sociais e nele encontram-se vários serviços, dentre eles: atendimento social e psicológico, visitas domiciliares, encaminhamento para atendimentos especializados na rede, acompanhamento das famílias nos programas de transferência de renda e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

O psicólogo com o assistente social, neste contexto, atua nas situações de vulnerabilidade social, com a população de baixa renda atendida no CRAS, fortalecendo vínculos e favorecendo vivências de ampliação, de conhecimento e valores, com o objetivo de mudança de qualidade de vida (BRASIL, 2009a), conforme proposta preventiva e interdisciplinar do equipamento.

O CRAS congrega serviços de atenção social básica como o PAIF, que visa trabalhar com as famílias de forma contínua, fortalecendo sua função protetiva, prevenindo ruptura de vínculos, garantindo o acesso a direitos, enfim, ajudando a melhorar a qualidade de vida baseado numa proposta preventiva, protetiva e proativa (BRASIL, 2009a)

Neste equipamento público também funciona o Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem, criado em 2005 e implantado em 2007 pelo Governo Federal, e que compreende a faixa etária entre 15 e 29 anos. O Projovem Adolescente, alvo desta pesquisa, contempla a faixa de 15 a 17 anos, de jovens provenientes de famílias que recebem subsídio do Governo Federal (Bolsa Família) ou jovens que participam de outros programas, como os do serviço de proteção social especial (Programa de Combate a Violência e à Exploração

Sexual e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI). Participam, ainda, jovens que cumprem medida de proteção ou socioeducativas, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

Quem coordena o Projovem Adolescente é o Ministério do Desenvolvimento Social - MDS, de acordo com a política do Sistema Único de Assistência Social - SUAS e tem parceiros de outros ministérios e secretarias, como por exemplo: Secretaria de Cultura, de Esporte, de Meio Ambiente, de Saúde, do Trabalho, etc. O Projovem integra a Política Nacional de Assistência Social (PNAS – 2004) e tem o significado preventivo inerente no caráter protetivo.

É importante que se pense num trabalho com os jovens, fase em que a curiosidade de novas descobertas, a possibilidade de frustrações e ofertas sociais de drogas lícitas podem significar uma combinação com prejuízos. A questão do trabalho para a autonomia está prevista pelo Traçado Metodológico do PROJOVEM, que aposta na ideia de prevenção com base na promoção de saúde:

O tema da juventude ocupa um lugar de destaque na Agenda Social do Governo Federal, cujos objetivos gerais são a redução da pobreza e da desigualdade, a erradicação da fome e a promoção da autonomia e da inclusão social das famílias brasileiras em situação de vulnerabilidade (BRASIL, 2009b, p.03, grifos nossos).

Os objetivos principais (e de acordo com a demanda) do Projovem Adolescente no CRAS de Vicente de Carvalho, alvo desta pesquisa, segundo planejamento anual, são atualmente: fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, favorecimento do protagonismo dos jovens e ampliação das noções para o mundo do trabalho.

Então, apesar de falar de prevenção, a proposta da promoção de saúde está explícita nas políticas públicas quando se fala em: assistência integral às famílias, desenvolvimento das potencialidades e aquisições da família, promover acesso a direitos e melhoria de vida, erradicação da fome e promoção da autonomia, favorecimento do protagonismo dos jovens, afirmando-se, então, que não se pode ter saúde se não pensarmos de forma ampla, incluindo elementos físicos, psicológicos e sociais.

Trabalhar com a promoção da saúde implica abandonar posturas que objetivam somente a cura e, portanto, em que prevaleçam as relações verticais da dependência do conhecimento do outro, para pensar em termos de autonomia dos indivíduos e pensar em vida, vulnerabilidade, subjetividade, diferença e escolhas. São os jovens hoje, preparados para agir sobre seu destino sob tais aspectos? O que se tem feito para a promoção do seu protagonismo na sociedade? O que viabiliza esse protagonismo?

Czeresnia (2003) comenta: “Considerando que um dos aspectos fundamentais da ideia de promoção da saúde é o estímulo à autonomia, retoma-se a pergunta: com que concepção de autonomia os projetos em promoção da saúde efetivamente trabalham?”(CZERESNIA, 2003,p.50).

Acredito que compreender o adolescente, levando em conta o meio em que vive, ajuda a nortear uma intervenção que favoreça um entendimento e discurso próprios e, por consequência, autoconhecimento e escolhas mais autônomas. Promover espaços onde o movimento para a autonomia seja valorizado e estimulado talvez ajude esse jovem a se conhecer e confiar em suas escolhas.

Este trabalho objetivou avaliar os efeitos de uma intervenção na questão do conflito dependência-autonomia na adolescência e sua interface com o abuso de dependência química, no sentido de promover a saúde. Nesta pesquisa propus um trabalho de intervenção na adolescência, oferecendo um espaço de reflexão a um grupo de jovens do CRAS, sobre a questão do conflito “dependência-autonomia” na perspectiva da promoção de saúde.

Buscou-se oferecer um espaço de reflexão no grupo do Projovem Adolescente num equipamento público, sobre questões relacionadas ao tema, facilitando que pensassem, refletissem, expressassem opiniões e pudessem trocar e experimentar também outras possibilidades, favorecendo o autoconhecimento, a autonomia e, portanto, escolhas das diversas maneiras de se colocar frente ao mundo, e também sobre as questões de sua saúde. Procurei favorecer que experimentassem serem sujeitos do social e de suas próprias escolhas e não somente responder a escolhas que se impõem por uma ideologia social, lugar que o discurso social o coloca.

O referencial teórico adotado para esta pesquisa foi o da psicanálise, particularmente quanto às questões da adolescência. Os conceitos psicanalíticos sobre a adolescência e o conflito dependência-autonomia no desenvolvimento infantil são assuntos abordados nos escritos de Donald Woods Winnicott e serviram como base para a construção teórica que deu sentido ao olhar da pesquisa.

Assim, a presente pesquisa buscou investigar e intervir no âmbito do conflito autonomia-dependência e a correlação com a dependência de drogas em um grupo de adolescentes em situação considerada de vulnerabilidade social, buscando favorecer sua autonomia, destacando-se a questão das drogas no sentido da promoção da saúde deste adolescente.

1.1 - Podemos favorecer a autonomia?

Conceituar autonomia é uma tarefa complexa, pois o termo apresenta diversos significados, segundo os diferentes olhares que se tem a respeito. Barbosa e Wagner (2013) mostram que existem muitos trabalhos publicados sobre o tema, poucos no Brasil, mas com definições diferentes, diversas abordagens e pouca clareza, o que mostra uma compreensão não consistente sobre o fenômeno.

No dicionário Priberam (2013), o termo autonomia aparece como sendo “faculdade [...] de se administrar por suas próprias leis” e “distância que pode percorrer [...] um meio de transporte sem necessidade de se reabastecer de combustível”, e autônomo como “quem tem autonomia” e “independente, livre”. A distância máxima que o veículo pode percorrer sem reabastecer não o torna independente do combustível, pois necessita dele para funcionar, para exercer sua autonomia de percorrer o caminho.

Podemos pensar num sentido simbólico que, embora sendo autônomos, precisamos do outro: da família, da escola, do trabalho e do amor do outro, entre outras coisas, para vivermos nossas escolhas no mundo. Nossa autonomia não nos torna independentes de nossas relações, pois estas é que são o “combustível” para que possamos percorrer nosso caminho e nos desenvolver: se não ficarmos restritos a poucas relações, nosso caminho se torna mais amplo. Conforme Kinoshita (1996) se dependermos de apenas uma relação, esta se torna a única opção, e, portanto, estamos presos a ela, menos autônomos. Mas, se dependemos de mais relações, temos maior amplitude quanto a estabelecer novas maneiras de nos relacionar e de escolher formas e normas de viver e de ser.

Do ponto de vista semântico, autonomia é constituída por *autos*, que significa “si mesmo”, e *nomos*, que significa “compartilhamento, lei”, palavras gregas. Sendo assim, autonomia seria traduzida como “dar-se suas próprias leis” (SEGRE, SILVA e SCHRAMM, 1998). Nesta visão, a autonomia acontece quando cada um pode decidir por si mesmo; assim, tendo adotado as regras sociais estas se tornam próprias, não se tornando obrigações impostas.

Alguns autores situam a autonomia como uma aquisição do desenvolvimento humano. Piaget, segundo La Taille (1992), identifica a autonomia como um aspecto do amadurecimento humano, uma característica do indivíduo mais evoluído, ele sendo “capaz de se situar consciente e completamente na rede dos diversos pontos de vista e conflitos presentes numa sociedade”; ou seja, a autonomia seria um ponto a se chegar. Piaget (1994) dá ênfase ao conceito ao falar do desenvolvimento da moral da criança, explicando que, de

início, as regras são impostas pelos adultos e obedecidas sem crítica, já que são tidas como verdades absolutas, ou seja, de forma heterônoma (exteriores à criança), para, num segundo momento, de acordo com o desenvolvimento, a criança pensar de maneira crítica, decidindo sobre obedecer ou não essas regras (QUEIROZ, RONCHI E TOKUMARU, 2009). Este ponto de vista vai ao encontro da definição semântica citada por Segre, Silva e Schramm (1998), já mencionada anteriormente.

Para Paulo Freire, um indivíduo, um grupo ou uma sociedade podem ser autônomos quando são protagonistas de suas vidas, quando escolhem como e quando exercer seus pensamentos e atitudes, dentro das normas estabelecidas também, porém conscientes e críticas das mesmas até mesmo para trabalhar por mudanças nelas, se preciso. Tendo a educação popular como foco de suas pesquisas, este autor afirma que autonomia é a principal ferramenta para a emancipação e é inerente ao indivíduo, estando com ele desde sempre, necessitando que o meio permita o seu desenvolvimento. A autonomia é, então, o exercer a cidadania de forma crítica, justa e igualitária (FREIRE, 1996). A posição de Freire não parece coincidir com a de Piaget quanto à gênese da autonomia, estando mais pré-configurada no primeiro que no segundo.

Mais próximo de Piaget no que se refere a conceber a autonomia relacionada ao processo de maturação do indivíduo, Winnicott define como autônomo o indivíduo que está no controle de sua vida, de acordo com as possibilidades de sua idade (WINNICOTT, 1975). Desde que nascemos até a idade adulta vamos aprendendo continuamente no âmbito de um desenvolvimento também neurológico e motor, o que nos permite que, cada vez mais, possamos satisfazer nossas necessidades, além de nos proteger sem precisar tanto do outro, até que nos tornemos capazes de “dirigir” nossas próprias vidas. Esta posição se assemelha com a de Kinoshita (1996) quando trata da autonomia pela ampliação das relações de dependência.

Para Winnicott (1975) vamos tornando-nos autônomos na medida em que recebemos suporte para isso. O bebê que é segurado por sua mãe (*holding*), cuidado por ela, pode crescer e desenvolver suas habilidades. Essa base, ou suporte, também é proporcionado, num segundo momento, pelo meio social, na medida em que o indivíduo vai necessitando. Assim, durante a sua vida, é na dependência deste suporte que ele pode ir amadurecendo e tornando-se mais autônomo (WINNICOTT, 1975), ou seja, iniciamos a vida como indivíduos dependentes e a autonomia é algo que se conquista durante o processo de desenvolvimento.

O indivíduo autônomo não é alguém sem conflitos: é alguém que assume vivê-los. Alguém que vive seus fracassos e conquistas com responsabilidade e se sente capaz de ser quem é e viver a sua vida. Então o indivíduo é menos ou mais autônomo na medida em que está disposto a assumir as consequências sobre seu modo de agir, sendo estas boas ou ruins, e eventualmente fazer novas escolhas. E talvez, com isso, venha a ampliar suas possibilidades, sentindo viver sua própria vida de forma real e única.

‘É recebendo o suporte familiar e social necessários, e na medida suficiente a cada fase da sua vida, que pode, então, desenvolver suas potencialidades e ir dando o sentido ao existir, ao "ser eu". Gradativamente poderia exercer sua autonomia, em sua relação com a realidade, que é única (WINNICOTT, 1975). Portanto, a autonomia seria possível apenas se a vivência da dependência for permitida pelo ambiente; ou seja, se o indivíduo tiver a mãe e o ambiente suficientemente bons, então, o indivíduo se tornaria capaz de lidar com conflitos (internos e externos), podendo assim, caminhar amadurecendo (WINNICOTT, 1983).

Winnicott escreve sobre esse processo citando três estágios para se conquistar a autonomia. O primeiro é o da dependência absoluta, física e emocional, que se trata de um estágio muito primitivo e curto no início da vida, quando não há consciência desta dependência e por isso é chamada de absoluta. Logo o bebê percebe que, reagindo ao ambiente, este o atende em suas necessidades, passa a ter consciência de que depende dele, e, portanto, pode interferir no mesmo com alguma autonomia (WINNICOTT, 2011).

Saindo da dependência absoluta, que é também um estágio em que a mãe também está envolvida com o bebê numa regressão à sua própria dependência, logo ela passa a retomar sua individualidade e já não atende o bebê tão prontamente, gerando neste a angústia que é uma referência de que ele notou a dependência. Assim ela já não é absoluta, pois pode ser modificada pela reivindicação dos próprios desejos. Este é o estágio que Winnicott chamou de dependência relativa (WINNICOTT, 2011).

O “rumo à independência”, que é o próximo, se refere ao período da idade pré-escolar à puberdade, no qual o indivíduo vai estendendo gradativamente sua autonomia à vivência social. Após este estágio, Winnicott fala do processo de amadurecimento constante da vida adulta uma vez que, mesmo após a aquisição de um lugar na sociedade, trabalho, casamento ou identidade pessoal, a autonomia absoluta ou independência não será atingida.

A autonomia absoluta ou a independência não seria possível. Para obtê-la teríamos que não depender de absolutamente nada, nem em âmbito material nem emocional, o que não acontece com nenhum ser existente. A autonomia de um indivíduo é conquistada

gradualmente, desde o nascimento até a idade adulta e necessariamente passa pela vivência de depender.

Segundo Winnicott (2011), o ambiente saudável pode favorecer a autonomia dos indivíduos, desde que haja condições suficientemente boas, pois todo indivíduo traz uma tendência inata ao desenvolvimento. Um ambiente saudável promove uma convivência social sem que o indivíduo perca sua individualidade. As crianças mais velhas e os adolescentes beneficiam-se de grupos e instituições na comunidade, pois exercitam seus papéis sociais, que de início são dirigidos por um adulto para então poderem fazer o mesmo sozinhos, posteriormente, desenvolvendo sua maturidade de modo paulatino.

Da infância à adolescência o indivíduo é exigido pelo ambiente e, à medida que se desenvolve, o controle externo vai se tornando um controle interno, ou autocontrole (WINNICOTT, 2011), ou seja, o indivíduo vai conquistando maior autonomia. Ele nasce acompanhado das expectativas dos pais, da família e da sociedade em que vive; com o tempo, aprende a viver socialmente, se comporta em ambientes distintos de maneiras diversas, de acordo com regras e costumes. A partir disso, Winnicott descreve o falso e o verdadeiro self. O verdadeiro self é o “gesto espontâneo” e a “ideia pessoal”, o se sentir real e criativo. Já o falso self corresponde a um sentido de irrealidade e futilidade, uma submissão e adaptação, mas que protege o verdadeiro self, pois possibilita que o indivíduo se submeta e não se exponha. No indivíduo normal, o falso self e verdadeiro self estão em equilíbrio, pois é capaz de se submeter e também de ser ele mesmo de um modo criativo (WINNICOTT, 1983).

Sobre a criatividade, Winnicott descreve como os objetos transicionais e os fenômenos transicionais, que são fundamentais no processo de amadurecimento, afirmando que fazem a relação do que é subjetivo (ou mundo interno) com o que é real (ou mundo externo) (WINNICOTT, 1975). Objeto transicional seria o objeto que a criança escolhe para representar a mãe, o seio mais propriamente (uma fralda, um ursinho, etc) em momentos como a hora de dormir ou outros em que a ansiedade depressiva possa se manifestar. Trata-se de um objeto que é real, porém carregado de significados subjetivos e, após o amadurecimento, perde seu significado para dar lugar a outros (WINNICOTT, 1975). Os fenômenos transicionais são possíveis apenas se o bebê tiver uma mãe suficientemente boa que permita que ele vá gradativamente se decepcionando com ela. O objeto transicional se inclui nos fenômenos transicionais, que permitem ao bebê suportar a tensão inerente à realidade objetiva (WINNICOTT, 1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais

pertencem a uma área intermediária entre mundo interno e mundo externo, e, na idade adulta, dão lugar aos interesses culturais, religiosos, e científicos (WINNICOTT, 1975).

Os objetos transicionais contribuem para o brincar espontâneo, em crianças e adultos (como o senso de humor) (WINNICOTT, 1975). Da espontaneidade e do relaxamento (verdadeiro repouso em que a criatividade pode ocorrer) surge a liberdade de criação, pois é brincando que crianças e adultos podem criar, utilizando sua personalidade como um todo.

Winnicott fala da constância da presença da mãe e de que sua ausência, se necessária, não ultrapasse um limite em que o bebê consiga mantê-la viva na memória e, portanto, não cause traumas. Esse tempo seria o possível de suportar ansiedades que vem dessa ausência, para que a separação gradual no tempo certo (que ele vá suportando de acordo com sua capacidade e maturidade) ocorra, e para que a criança possa constituir objetos transicionais e fenômenos transicionais. Se esse processo for bem sucedido, a criança tem a primeira experiência do brincar, pois é capaz de simbolizar, começando então seu viver criativo. Este brincar e viver criativo estão localizados no que Winnicott chamou de espaço potencial, que é o espaço entre o objeto percebido e o objeto subjetivo. É o espaço onde se pode brincar, simbolizar, criar e ter a “experiência cultural”, esta última entendida como produção criativa no social, contribuição criativa ou inventividade. Então, se é permitido ao bebê que a brincadeira possa ser iniciada neste lugar, o espaço potencial, será possível utilizá-lo além da primeira experiência entre criança e família, adolescente e sociedade, indivíduo e mundo, etc.

Uma questão importante para o desenvolvimento desta pesquisa é sobre a possibilidade de facilitar a autonomia na adolescência. Isso seria possível? Aqui encontramos um possível paradoxo, pois, ao pensarmos em favorecer a autonomia não estaríamos também tutelando-a? Favorecer não existe sem a intenção de "direcionar para", mas a condição de autonomia é avessa a isso. Ser orientado não remeteria à dependência?

Antes, porém, de respondermos a essa questão, é necessário falar sobre a adolescência, pois é referente a ela que trataremos da autonomia. Adolescência vem do latim *adolescencia* que significa mocidade, idade de mancebo (HOUAISS e VILLAR, 2001). É um período de mudanças no plano social, biológico e psicológico, uma fase de transição da infância para a idade adulta na qual o indivíduo busca firmar uma identidade própria, e por isso uma fase com muitos conflitos e rebeldia com as normas estabelecidas (BERTOL E SOUZA, 2010).

Portanto, trata-se de uma fase de grandes conflitos na qual a maturação física e intelectual traz possibilidades de agir de forma mais autônoma no âmbito social, porém em experiências iniciais que se desdobram em bons, mas também maus resultados. O bebê encontra seu equilíbrio para ficar em pé ou andar na experiência de cair para encontrar seu eixo. E parece que, no que diz respeito à autonomia, também é assim: temos provavelmente na adolescência o primeiro beijo, o primeiro emprego, a primeira decepção amorosa, etc.

Se, como Winnicott (2011) afirma, a criança avança nos estágios de desenvolvimento num movimento de ir e vir, retornando por vezes a estágios anteriores para então prosseguir na sua evolução, também ou principalmente a adolescência traz consigo um conflito da dependência *versus* independência no qual o jovem se vê pronto para fazer coisas que não lhe eram permitidas quando criança, porém, por vezes, sem a mesma disposição de se responsabilizar por elas.

Segundo Winnicott (2011), os adolescentes demonstram uma alternância entre rebeldia e dependência, na qual ora parecem crianças dependentes e ora se colocam de forma a querer agir diferente dos pais na tentativa da busca de saber quem são e o quanto podem ser autônomos.

Além disso, fazem testes aos pais e às regras, aos familiares, à escola e a toda pessoa em geral, pois precisam certificar-se da segurança que necessitam ainda por parte da sociedade, pois começam a enxergar em si próprios, sentimentos fortes e amedrontadores, querendo se certificar que os controles externos ainda estão em funcionamento, caso precisem. Quem impõe controle é o adulto, alguém necessário, tanto para ser amado quanto odiado pelos adolescentes, que são desafiados e solicitados a ajudar, pois é assim que vão amadurecendo rumo à autonomia, e aos poucos vão tendo condições de se responsabilizar por si e por outros (WINNICOTT, 2011).

No processo de evolução da dependência à autonomia, o jovem rompe muitas vezes com essa segurança com o círculo imediato (família), para então procurar grupos externos (escola, igreja, bairro) e retomar essa segurança; ou seja, sai de um grupo menor para extensão de vivências em grupos maiores ainda que estes também tenham o controle por regras próprias, iniciando assim uma vida social (WINNICOTT, 2011).

A rebeldia se alterna com a dependência, o desejo de separar-se para alcançar a própria identidade tem a contrapartida do desejo de segurança, e na base da questão está o desejo de conservar a família. Isso nem sempre é fácil para os adultos que lidam com a adolescência e nem existem garantias que o adolescente passará por esse processo sem

problemas. A família pode contribuir de dois modos: garantindo o apoio de poder voltar à dependência quando necessário e permitindo que ele possa viver em grupos sociais fora da família, sejam políticos, religiosos, clubes ou outras instituições. Assim poderá se tornar um indivíduo maduro no futuro e será capaz, com o tempo, de pertencer e se identificar com grupos sociais, ao mesmo tempo em que não perderá sua capacidade de viver criativo dentro desses grupos. (WINNICOTT, 2011)

Apoiada em Winnicott, penso que a família, a escola e outras instituições podem auxiliar ou dificultar este processo do amadurecimento, e, portanto, o processo rumo à autonomia. Mas como fazer isso? Este trabalho é um estudo a este respeito.

2 - OBJETIVOS

2.1 - Objetivo Geral

Avaliar os efeitos de uma intervenção voltada ao conflito dependência- autonomia em um grupo de adolescentes do CRAS visando a promoção de saúde.

2.2 - Objetivos Específicos

Favorecer um espaço de reflexão sobre o conflito dependência-autonomia na adolescência, identificando possíveis movimentos de tomada de consciência a esse respeito;

Identificar a configuração do conflito dependência-autonomia dos adolescentes a respeito da questão das drogas.

3 - MÉTODO

3.1- Tipo de pesquisa

O tipo de pesquisa utilizado foi o da pesquisa-ação, na abordagem qualitativa, para aprofundamento do estudo deste trabalho. Sobre a pesquisa qualitativa, sua escolha foi devido a ser indicada para a investigação de aspectos subjetivos, permitindo a identificação de significados, motivações, valores, crenças, atitudes, e outros (CHIZZOTTI, 2003). Sobre a pesquisa-ação, esta possibilita que o pesquisador participe e atue no grupo, e este, por sua vez, contribui com seus conhecimentos para a pesquisa, e tanto um quanto o outro (pesquisador e pesquisado) se enriquecem na relação e nas reflexões que desenvolvem os temas. Segundo Neves (2006 p.15),

A pesquisa-ação busca uma apreensão dos significados produzidos no contexto pesquisado, um agir comunicativo, pautado por uma ética emancipatória neste contexto, com o intuito de transformá-lo a partir do entendimento entre os sujeitos envolvidos no processo investigativo sobre os problemas encontrados e suas possíveis soluções.

A pesquisa-ação é uma pesquisa de ações conjuntas de todos os envolvidos na pesquisa, que modificam e constroem ideias por meio do diálogo, no grupo e no pesquisador. A pesquisa-ação visa aos pesquisadores e participantes, a transformação através de uma ação educacional, técnica ou outra desde que traçada com objetivos de carácter social. Visa responder com maior eficiência aos problemas ou situações em que os sujeitos vivem, com ações transformadoras (THIOLLENT, 2009).

A pesquisa-ação visa aumentar a capacidade de resolução de problemas do grupo e a situação em que vivem os participantes, para transformar a mesma, e, tanto os pesquisadores quanto os participantes do processo se envolvem de maneira cooperativa e participativa. É uma estrutura de aprendizagem conjunta onde o pesquisador tem uma postura de escuta e diálogo dos aspectos da situação construindo juntamente com os participantes sem impor suas próprias concepções (THIOLLENT, 2009).

3.2 - Sujeitos

A pesquisa foi realizada com um grupo de 15 adolescentes, de ambos os sexos, sendo sete do sexo feminino e oito do sexo masculino, na faixa etária de 15 a 17 anos, que frequentavam o CRAS de Vicente de Carvalho. Este é um dos quatro CRAS que pertencem à cidade e que possui 20 vagas, assim como os outros três. Este número de adolescentes eram

os quais estavam inseridos no programa PROJOVEM Adolescente, portanto entendidos como em situação de vulnerabilidade, moradores da cidade de Guarujá.

3.3 - Características do grupo de adolescentes atendidos no CRAS

Os adolescentes que fizeram parte da pesquisa residem no subdistrito de Guarujá denominado Vicente de Carvalho. De acordo com informações do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013), o município apresentou, no ano de 2010, índices de vulnerabilidade, como: 6,15% das mulheres entre 15 e 17 anos tinham filhos, 4,09% das crianças eram extremamente pobres e o percentual de mães como chefe de família, sem cônjuge e com filhos menores, é de 18,96%.

Mais especificamente, os adolescentes, alvo desta pesquisa, são membros de famílias em situação de vulnerabilidade, que recebem benefícios do governo estadual e do federal, como Bolsa Família, Renda Cidadã, BPC e LOAS e um deles é proveniente do programa de medidas socioeducativas, setor que cuida dos conflitos com a lei.

A renda familiar varia de zero a R\$1.800,00 (mil e oitocentos reais) mensais, sendo a média de aproximadamente R\$400,00 (quatrocentos reais) mensais. Dez das famílias a mãe é quem chefia; em duas delas prevalece o pai, e em outras três a avó. Grande parte vem do bairro do Pae Cará, e poucos dos bairros da Prainha, Parque Estuário e Vila Áurea, todos de periferia. Em treze das famílias os responsáveis pela tem ocupações informais que costumam chamar de "bicos": faxina, vendas na praia, ajudante de pedreiro, dentre outros e duas famílias os responsáveis tem empregos formais. Uma delas tem apenas dois integrantes e outras duas com oito e onze integrantes, respectivamente; o restante são famílias constituídas de 5 pessoas.

Duas famílias têm membros em sistema prisional; em três famílias há usuários de álcool ou outras drogas e em situação de rua; em três famílias há idosos como responsáveis; treze famílias não têm renda fixa; em duas famílias o genitor deve pensão; uma família tem membros com problemas mentais; uma família tem casos de abrigamento de crianças e cinco famílias tem casos de negligência e violência doméstica.

Os adolescentes, integrantes do Projovem, alvo da pesquisa, tem, em sua maioria, 15 e 16 anos de idade, e, em minoria, 17 anos, sendo que sete tem 15 anos, seis tem 16 anos e dois tem 17 anos. Alguns têm conflitos com familiares, com a escola e com a lei. Critério de inclusão foi apenas estar inserido no pró-jovem.

3.4 - Procedimentos

Esse trabalho teve como inspiração o artigo “Grupos de Reflexão com Adolescentes: elementos para uma escuta psicanalítica na escola” de Coutinho e Rocha (2007), originado em uma pesquisa do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio sobre a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que tem como objetivo a prática da psicanálise ampliada, propondo grupos de reflexão em instituições como escolas, núcleos sociais, etc.

O instrumento de pesquisa-ação com grupos de adolescentes foi semelhante ao utilizado pelo NIPIAC, que tem inspiração teórica nas metodologias participativas e na pesquisa-intervenção devido a: “[...] ser produtiva no atendimento com os adolescentes por tratar-se de uma clínica radicalmente atravessada pelo social, pelo político e pelas instituições, levando em conta as especificidades das operações próprias ao trabalho psíquico da adolescência” (COUTINHO E ROCHA, 2007, p.72).

Ressalvo que este grupo de reflexão relatado no artigo não tinha como preocupação particular a questão das drogas, e que, na presente pesquisa, escolhi como instrumento a pesquisa-ação já mencionada e justificada anteriormente.

No trabalho que apresento aqui, os adolescentes estão inseridos no CRAS e não na escola, mas também utilizo o campo da subjetividade como objeto, tendo uma leitura baseada na psicanálise, mas não com intenção de ser um grupo terapêutico ou educacional, e sim um grupo de reflexão. Este entendido como prática que se situa na interface da pesquisa e de oferecimento de um espaço de fala e de troca entre os membros para a percepção do conflito autonomia-independência, e sua relação com o abuso de drogas em adolescentes entre 15 e 17 anos.

Foram realizados 10 encontros, uma vez por semana durante dois meses e meio e com, aproximadamente, uma hora e meia de duração (muitos encontros passaram desse horário devido à demanda dos adolescentes), gravados, e depois transcritos pelo pesquisador, nos quais foram utilizadas atividades que favorecessem a discussão e reflexão do grupo. Pesquisei, coordenei e fiz intervenções no grupo, orientando-me por um roteiro de atividades descritas no apêndice I deste trabalho.

O roteiro deste trabalho foi inspirado num programa da Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo que consistia em atividades voltadas para a prevenção ao

uso indevido de drogas de que participei no ano de 1992, como uma das alunas do curso que formava professores como multiplicadores do programa em sala de aulas de adolescentes, na proposta da valorização da vida. O programa propunha abrir espaço para expressão de valores e sentimentos, além dos conhecimentos técnicos e científicos, em salas de aula. Tratava basicamente, de início, de quatro assuntos: sexualidade, drogas, AIDS e adolescência e considerava que todos os membros da escola deveriam estar envolvidos, propondo a educação integral e, conseqüentemente, a diminuição de fatores de risco, aumentando os fatores de proteção por meio de atividades motivadoras e prazerosas, que promoviam a reflexão e motivavam a discussão (SOARES E JACOBI, 2000).

Aconteceram mudanças em relação ao roteiro inicial no decorrer do processo, pois uma das possibilidades era que o grupo de adolescentes também sugerisse atividades, e, por isso, eu não sabia de antemão o que iria acontecer durante o processo. Segui o roteiro até o sétimo encontro, pois, apesar de ter lembrado aos adolescentes antes do início de cada encontro que poderiam propor atividades de interesse deles, isso ocorreu de maneira lenta e tímida. A partir do fim do sétimo encontro houve a proposta efetiva de fazer uma peça de teatro sobre o tema drogas. Modifiquei então o início do oitavo encontro, que seria a discussão de uma propaganda, trazendo uma música sobre o tema e discussão posterior para inspirá-los na escrita da peça. No nono encontro eles continuaram este projeto, também modificando o previsto que seria a devolutiva. Esta ficou para o décimo encontro e foi modificada também, pois foi oferecida em forma de poesia e confeccionada por frases que todos disseram nas discussões durante todos os encontros.

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo por meio da Plataforma Brasil do Ministério da Saúde, sob N° CAEE 12756213.3.0000.5505, sendo aprovada no dia 22/03/2013 (Parecer N° 226.649, ANEXO I). Também recebeu autorização da Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania do município de Guarujá (ANEXO II). Foram feitos esclarecimentos sobre o estudo (sigilo, anonimato, uso dos dados) para os participantes e coletadas as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos responsáveis, e do Termo de Assentimento pelos adolescentes, ambos disponíveis nos ANEXOS III e IV, respectivamente.

3.5 - Postura do Pesquisador

A postura que adotei no grupo de adolescentes foi a de facilitar situações que provocassem o pensamento e problematizassem os temas da autonomia e das drogas, visando possibilitar um espaço de reflexão a eles.

Era importante que estivesse atenta a momentos de desorganização, em que o grupo se mostrasse perdido, que pudesse suportar esses momentos, mas sugerindo formas de organização, por exemplo, para que os indivíduos continuassem o processo de se perceber e refletir. Eu procurava não ser alguém que fornecesse informações ou ensinasse "como fazer" numa relação vertical, e sim um facilitador do processo no qual acontecesse percepções do grupo sobre suas atitudes e sentimentos rumo à autonomia.

Quando solicitada a revelar minha opinião procurei fazê-lo ao final do encontro para que não antecipasse o processo do grupo.

Apesar de existirem regras e se parecer neste aspecto com outros tipos de trabalhos com adolescentes, como, por exemplo, em classes de atividades escolares, esse espaço não seria educacional e eu não seria uma professora no sentido de uma educação formal. Não seria um local de ensinamentos teóricos ou práticos, embora fosse possível produzir conhecimento. Também não seria um espaço de psicoterapia e eu não seria uma terapeuta, no sentido de fazer interpretações de aspectos inconscientes, mas o processo poderia promover autoconhecimento.

A posição de facilitador também não deveria ser de total horizontalidade, como "ser um deles", pois apesar de não estar numa posição vertical, a posição de alguém adulto e profissional deveria ser preservada e delimitada no processo. Além disso, deveria observar todo processo, registrando os dados para a conclusão desta pesquisa.

Neste contexto, tinha sempre em mente a questão: como facilitar para a autonomia sem ocupar a posição de professor ou a de terapeuta?

3.6 - Critérios de Avaliação

Procurei avaliar, durante o processo, o grau de dependência-autonomia nos discursos dos adolescentes tendo como indicativos de maior autonomia: a presença de dúvidas; os enunciados que sugerissem ser construção do próprio sujeito (com palavras próprias da idade, como gírias, por exemplo); discursos flexíveis, mais abertos ao diálogo e com menos preconceito. Como indicativos de maior dependência, considere: afirmações taxativas; discursos que sugerissem reprodução de outros discursos como da família, mídia, etc; discursos fechados ou não abertos à escuta e carregados de preconceitos. Com isso

pretendia avaliar a ocorrência de alguma mudança de posição do grupo durante o processo, a partir da tomada de consciência do próprio conflito.

Solicitei, no início e no final do processo, a resposta a uma questão “Como você descreve seus modos de agir, sentir e pensar?”, a fim de averiguar possíveis mudanças em relação ao conhecimento do conflito autonomia/dependência e ao autoconhecimento.

4 - RESULTADOS

Serão apresentados primeiramente os encontros, um a um, com suas respectivas análises, depois a questão respondida no início e no fim do processo, com análises individuais, e, por fim, uma síntese deste conjunto, considerando a evolução de todo o processo. Os nomes atribuídos aos sujeitos da pesquisa no decorrer da dissertação são fictícios.

4.1-Análise dos Encontros

4.1.1 - 1º ENCONTRO

4.1.1.1 - Descrição sumária do encontro

Depois de me apresentar ao grupo no qual haviam comparecido doze participantes, Nayara, Wilson, Jorge, Eliana, Inara, Tatiana, Belinha, Vilmar, Victória, Alberto, Marco e Cleiton, e apresentar a proposta dos encontros, os adolescentes assinaram o termo de assentimento, iniciando-se a primeira etapa. Propus uma dinâmica de apresentação para “quebrar o gelo” e podermos nos conhecer melhor, que consistia em ir formando grupos de acordo com gostos pessoais quanto a diversos temas como esporte, música, time de futebol, etc.

Depois foram mostradas algumas charges sobre o tema da pesquisa: adolescência, drogas, autonomia, moda, preconceito, com objetivo motivar, e em seguida iniciamos as discussões.

4.1.1.2 - Análise

Percebi, no primeiro encontro, uma atenção a quem chegava mais cedo ou mais tarde. Muitos que chegaram no horário criticaram quem não havia chegado, dizendo que, quando é assim, não podem entrar; porém, em seguida, aceitaram abrir uma exceção por eles próprios, pois começariam algo diferente dos outros dias. Pareciam reproduzir uma cobrança da coordenação do Projeto Projovem, que diz a eles que, para manter o benefício bolsa família precisam frequentar assiduamente este grupo (este grupo precisa existir segundo as políticas públicas referentes).

Durante a dinâmica de apresentação pareceram um pouco desmotivados, indo de um lugar a outro com morosidade e alguns não indo e não respondendo quando eu perguntava

por que não participavam; mesmo assim eu não insisti. Parece que estar ali não era interessante pra eles, ou não estava sendo de modo geral.

Animaram-se então com a televisão e o vídeo que eu trouxe para a sala. Prestaram atenção nas charges, alguns não entenderam as piadas e outros explicavam, repeti novamente após pedirem. Disse então que poderíamos discutir os assuntos ali presentes e que poderíamos construir juntos alguns pensamentos a respeito.

No início ficaram em silêncio, olhando uns para os outros, parecendo com receio de falar. Wilson e Nayara, que pareciam mais extrovertidos, iniciaram algumas colocações.

Wilson - Eu acho que isso, esses vídeos, têm tudo a ver com a gente.

Nayara - É bem o que acontece mesmo.

Não questionaram o que viram, e as charges caracterizavam com exagero alguns aspectos dos adolescentes, principalmente colocando-os, às vezes, como dependentes consumistas e sem responsabilidade, bem próximo ao que parece ser o atual do senso comum da adolescência. Colocaram-se a favor, dizendo que se identificaram com o que foi passado ali.

Wilson - Esse aí é um método novo de interagir com os jovens; ele quis falar coisas que nossos pais já falam, mas de um jeito diferente.

Nayara - ... professora... porque você sabe das coisas... esses vídeos são legais pra passar pra gente...

Percebi que situaram nossa relação como vertical, me colocando como uma professora que iria ensinar algo para eles, com método novo, e ensinar o que é o certo, já que diziam que eu sabia das coisas. As palavras usadas, como "método" e "interagir", sugerem palavras que adultos utilizam; não senti que eram construções deles mesmos. Virgínia arriscou uma crítica após ficarem pensativos sobre eu tê-los questionado se as charges tinham razão sobre como mostraram os adolescentes, e Wilson completou:

Victória - ...eu não acho, eu não sou assim, só falo muito no telefone...

Wilson - Só que a gente hoje em dia usa facebook e não agenda ou diário.

A fala "hoje em dia" me pareceu uma expressão usada por adultos quando corriqueiramente tentam dizer como o mundo e os jovens mudaram. A partir dessas falas iniciou-se uma discussão sobre o que viram de correto no vídeo e das coisas que consideram erradas de modo geral. Pareciam querer realmente dizer o que imaginavam que eu, como adulta e "professora", termo que usaram para me nomear, queria ouvir, o que também mostrava que estavam querendo se relacionar comigo ou serem aceitos.

O *funk*, como exemplo, foi alvo de críticas fervorosas pelo Wilson, num discurso de que este gênero musical contribui para o mau comportamento dos jovens, o que pareceu também característico de conversa de adultos. Outras falas iam trazendo a questão da violência que conheciam em seu meio.

Wilson - No funk tem muito isso, todo mundo quer fazer o que todo mundo faz...o funk de hoje fala de quatro coisas só: carro, dinheiro, violência e mulher, só.

Victória - Mas não é só o funk, eu gosto de rock e no rock também tem violência e droga.

O grupo concordava com murmúrios e várias cabeças faziam que sim. Traziam para a discussão as diversas influências que sofrem em seu dia a dia, seus gostos e a violência presente em seu meio social, e pareciam não ter, ainda, alguma crítica ou opinião a respeito disso. Apareceu também a questão das drogas, apesar de ter sido abordada em apenas uma das charges (o cigarro) e de um modo lúdico.

Wilson - ...hoje em dia o funk é destrutivo... é só idéia errada. Falam que a droga dá uma sensação de leveza, que é boa pra relaxar, e o cara que é mente fraca vai querer fazer... se ficar ouvindo muito você fica igual, a música invade a mente da pessoa, tá ligad?

João - Tem um menino na minha sala que o professor perguntou o que ele queria ser e ele falou: "traficante, patrão".

O discurso de que o jovem é levado pela letra da música que invade a mente, pode indicar que este jovem sugere a não possibilidade de crítica ou de autonomia, pois a música, a mídia ou a moda teria poder de direcionar suas escolhas.

Wilson - ... se a moda for trabalhar, aí não é ruim, né?

Essa fala mostrou, novamente, a influência social que, sendo boa, faz com que os jovens tenham melhores escolhas, se colocando como dependentes dessas influências sociais, tendo pouca ou nenhuma autonomia. Wilson a coloca como uma ironia, mostrando sua opinião de forma crítica. Parece tratar-se de discurso baseado no que é certo ou errado, talvez enfatizado para que possam ser aceitos por mim, por acharem que sou professora e que quero o certo. Mostraram seu desejo em serem aceitos, o que foi confirmado na fala a seguir, na qual me concederam, mais uma vez, o nome de “professora”, mostrando que não concordam com o que fazem de errado, como músicas tipo o *funk*, segundo eles, sugerem:

Wilson – Vou ao baile, mas não faço o que eles fazem... fui só pra conhecer... eu não vou pela cabeça dos outros, professora... eu não faço o que eles fazem... só quem é mente fraca.

Depois dessa fala, Wilson pareceu envergonhado, gaguejando, enquanto o grupo ria; parece que perceberam e ele se percebeu em contradição, já que disse frequentar um lugar com o qual não concorda. Isso talvez confirme a hipótese de que estava realmente tentando mostrar que segue o que é certo e talvez imaginasse que eu não aprovava o funk.

O restante do grupo ficou muito atento a quem tinha mais ousadia em se colocar, mas com muito silêncio e apenas concordando com cabeças as opiniões que eram de comum acordo entre eles. Acredito que estavam observando até que ponto podiam se sentir seguros comigo para se colocar também, pareciam desconfiados sobre o que eu fazia ali, e o que queria com tudo aquilo, mas eu só saberia nos próximos encontros qual a repercussão deste início.

4.1.1.3 - Eu no processo

Percebi que estava bastante ansiosa neste primeiro dia, pouco livre, com a tensão de ter que fazer o certo, assim como eles, procurando perguntar, mas sem saber a hora de fazê-lo. Tinha referências de professores também, foi muito difícil não utilizar essa referência, tive vontade muitas vezes de ensinar e me calei para não correr o risco, mas retomava em seguida a posição de questionar ou de silenciar na intenção de deixá-los desenvolver seus pensamentos com o grupo. Percebi que não sabia que lugar ocupar naquele grupo e fiquei muito insegura.

4.1.2 - 2º ENCONTRO

4.1.2.1 - Descrição sumária do encontro

Compareceram a este encontro treze membros do grupo: Nayara, Marco, Jorge, Alberto, Wilson, Victória, Inara, Eliana, Belinha, Vilmar, Gabriela, Tatiana. Relembrei o encontro passado para situar quem não havia comparecido e propus que respondessem uma questão (um dos instrumentos de análise), o que aceitaram. A questão era a seguinte: “Como você descreve seus modos de agir, sentir e pensar?”

Em seguida, propus a confecção de cartazes com figuras de revistas e/ou escritos sobre o tema autonomia e dependência para posterior discussão. Eles elaboraram os cartazes em grupos separados de mais ou menos três integrantes.

4.1.2.2 - Análise

Durante a escrita das respostas das questões, alguns pediam réguas, borrachas e lápis (no lugar de canetas), preocupados com possíveis erros e em escrever reto na folha sulfite, sugerindo que precisariam responder de acordo com um modelo que imaginavam ser o certo, indicando a dependência de uma referência ou padrão.

Belinha - Tem um lápis?... se erra dá pra apagar...

Tatiana - Pode ir ao banheiro?

Gabriela - Professora, tem régua pra fazer linha?

Demoravam a escrever, alguns balançavam a perna, mordiam o lápis, olhavam pra mim e desviavam o olhar quando eu os olhava, atitudes indicativas de quem está ansioso. As falas a seguir confirmam impressão:

Wilson - Vamos ler para todos?

Belinha - NÃO!!!

Então eu disse que ali não era escola e que aquela questão não era prova e então ouvi suspiros, risos e “ais” que escapavam, sugerindo certa ansiedade e o esforço de fazer o que supunham que fosse bem feito. Pode também significar um esforço em ser aceitos por mim, apostando em nossa relação.

Um dos meninos, Alberto, que estava em regime de L.A. (liberdade assistida), quis fazer as atividades de forma isolada, sem grupo. Tentei inseri-lo num grupo, mas não aceitou. Tentei conversar com ele sobre o que estava escrevendo, mas não respondeu, sorriu e disse:

Alberto - Só eu entendo o que eu escrevo, você entende? (me dando o papel).

Respondi que sim, que dava para entender e pensei no fato de se sentir incompreendido também como um todo, o que talvez tivesse relação com sua condição de estar em conflito com a lei.

Durante a confecção dos cartazes fizeram algumas perguntas sobre o tema:

João - Autonomia é dependência?... isso é independência? Tartaruga nascendo é, ela corre pra água sozinha...

Belinha - Que não depende de ninguém.

Parece que estas falas indicam uma forma absoluta de considerar a independência, sugerindo que seja não depender em nada de ninguém.

Continuaram procurando figuras e prevalecia a escolha de figuras públicas e com boas condições financeiras como sendo independentes. Notei neste encontro que continuaram a atividade mesmo após o lanche ter sido servido: comiam e faziam a atividade ao mesmo

tempo, e, apesar de alguns terem escola em seguida, não pareciam com pressa; tive até que lembrá-los do horário. Interpreto este comportamento do grupo como um interesse ao tema proposto.

4.1.2.3 - Eu no processo

Apesar de perceber que eles haviam se soltado mais neste encontro, talvez devido à dinâmica, fiquei incomodada com o fato de sentir que não parecia diferente de uma professora. Não que ali não fossem ou não pudessem acontecer orientações ou ensinamentos de nenhuma ordem, mas o espaço propunha mais reflexão que ensinamentos prontos e era preciso agir de maneira a favorecer tal processo. Nada havia acontecido ainda que pudesse me dar uma direção. Assim como eles, eu estava ansiosa, não tinha certeza de que alguma coisa diferente aconteceria ali e também estava me cobrando da pesquisa dar certo, e claro, respondendo àquele modelo internalizado dos meus professores também. Por coincidência, eu não conseguia contato com meus orientadores, o que me deu a sensação de estar sem direção. Aquela direção que talvez o grupo de adolescentes esperava de mim e eu não correspondia, eu também estava esperando dos meus orientadores e não sendo correspondida, com medo de não conseguir continuar sozinha.

4.1.3 - 3º ENCONTRO

4.1.3.1 - Descrição sumária do encontro

A proposta deste encontro foi discutir o tema e os cartazes do encontro passado. Compareceram em menor número, pois muitos estavam terminando curso de preparação para o mercado de trabalho, paralelo ao projeto. João iniciou neste dia, pois, apesar de incluído no programa, joga futebol e não pôde comparecer antes. Ao todo foram sete participantes: Belinha, Victória, João, Wilson, Eliana, Marco, Nayara.

4.1.3.2 - Análise

A discussão teve início com uma fala que sugeria a necessidade de direcionamento:

Belinha - Tem que explicar?

Eu então disse que não seria "ter que", mas se quisesse e tivesse algo para contribuir e construirmos juntos. Ficaram um tempo calados, então iniciei algumas perguntas

sobre o porquê das figuras para os temas, entre outras perguntas. Achei, depois, que acabei falando mais do que deveria.

Então, em dado momento, sentiram necessidade de começar a se colocar:

Belinha - Se ele se esforça e sabe fazer as coisas e sabe o que quer, é autônomo... e se não souber pede para o outro orientar.

Wilson- Quando as pessoas estão sozinhas, não que elas não dependam de ninguém, mas nesse momento...

Belinha – Por causa da aparência, vestido, classe...

Wilson- Porque é chefe, dá ordem... se for casado não é, tem que dar satisfação prá mulher, mesmo sendo presidente. Ah! Sei lá!

Parece que, nestas falas, a autonomia estava ligada à ideia de não precisar do outro, de não dar satisfação, da total independência, também ligado a ter poder e dinheiro, condições que colocavam como absolutas.

Surgiu um questionamento sobre minha posição no grupo, que mostra que estavam atentos e incomodados com ela e inseguros em como agir, já que eu não dizia o que deveriam fazer como uma professora:

Wilson - Professora, tia, ah, sei lá (risos), porque você falou que não é aula...

Percebi que utilizou a expressão “sei lá”, mostrando sua impressão de indefinição do meu papel ali. Wilson também fez isso ao falar sobre a autonomia do presidente. Parece que estava relacionando "autoridade" a "independência", mas percebendo certa dúvida, talvez quanto a estarem ou não interligadas. Como eu disse que não era professora e não ia comandar ou determinar, parece ter surgido uma questão dele (acreditando ser ele, neste instante, uma voz do grupo todo): o que faz ela, então, ali? Mas, neste momento, o questionamento não teve continuidade no grupo, eu não estava pronta, talvez, para discutir, pois não perguntei nada sobre isso para ele.

Wilson - ... Esse aqui é presidente, esse aqui é chefe, dá ordens... chefe é independente. Se for casado, não é, porque tem que dar satisfação prá mulher...

Nayara - O Obama é presidente dos EUA, é independente, faz o que ele quer. O bebê não é, não sabe fazer nada...

Belinha - É por causa da aparência. Quem tá bem vestido tem classe e dinheiro, e por isso é autônomo.

Nestas falas, taxativas e categóricas, não houve um meio termo quanto à autonomia, que também apareceu ligada a poder, dinheiro e a não precisar de ninguém.

Questionei, então, se quem dava satisfação não era autônomo e se o presidente não precisava realmente de ninguém para nada. Pensaram um pouco e se manifestaram:

Wilson - ... Ninguém é 100% independente. Sempre vai depender de alguém...
Presidente depende de voto do povo.

João - Mas é só por um tempo, aí passa... Depende de ônibus, por exemplo...

Iniciaram um pensamento sobre a forma taxativa anterior, mas em seguida veio uma colocação mais inflexível de Victória:

Victória - Eu acho que é ou não é. Tem gente da minha rua que dependeu dos pais a vida toda e, quando não tinha mais, procurou os tios e continua dependendo, não trabalha e não tem sua vida.

Nayara - Mas tem mulher que depende do marido. Ele é quem trabalha prá ela..

Wilson - Ser autônomo é fazer o que quer...

Trabalhar e fazer o que se quer, marcava, para alguns, uma linha divisória da diferença do ser dependente e autônomo, e, apesar de às vezes parecer que tentavam uma reflexão rumo definições mais relativas, ainda as relacionavam os temas somente ao aspecto financeiro e em situações opostas extremas:

Wilson - É momentâneo. Uma hora você tem sua casa, carro, e depois pode perder tudo...

Nayara - Você começa dependente e vai ficando independente até chegar a ser adulto...

Apareceu, em meio à discussão, e após eu mostrar esta minha percepção a respeito da mesma, a dependência emocional como falta de autonomia.

João - ... a gente pode depender de sentimentos...

Wilson - É dependência emocional... é falta de buscar, falta de ser ela mesma (falando da dependência emocional da mulher).

A autonomia aqui aparece muito ainda ligada à questão de sobreviver sozinho, com seus próprios recursos e numa total independência, e, nesse ponto de vista, a criança não teria nenhum grau de autonomia, como, fora contrastado, no início, o bebê com o presidente. Não viam nenhuma possibilidade de alguma autonomia em pessoas que necessitam da ajuda de outras pessoas:

João - Deficientes são dependentes, a maioria prá vida toda...

Wilson - É momentâneo, uma hora você tem sua casa, seu carro, e depois perde tudo, fica sem nada... e tem que voltar prá casa da mãe e do pai...

Após os questionamentos que fui fazendo sobre essa forma radical de depender e independender, propus que pensassem em como se enxergam, já que falavam mais de outros exemplos do que de si mesmos. Perguntei sobre eles, como se sentiam, se dependentes ou autônomos, e as respostas vieram novamente na forma categórica e extrema:

Wilson - Eu sou autônomo.

Nayara - Eu sou dependente... tem mulher que depende do marido. Ele é quem trabalha prá ela. Eu dependo da minha mãe prá comprar minhas coisas.

Novamente aparece o depender e o independender ligado à questão financeira. Então, pensei em mudar o foco para ajudá-los a pensar nesses extremos em que se colocaram perguntando sobre suas escolhas. Perguntei se suas escolhas eram baseadas no que tinham vontade, se escolhiam por eles mesmos, mas também se colocaram como dependentes:

Victória - Não somos, sofremos muitas influências... de amigos, família, propagandas, tem influência no que a gente escolhe...

Wilson - Artista, ídolo, sempre alguém te mostra como tem que ser... eu sou autônomo, não me influencio, tenho minha própria opinião...

Outra colocação do Wilson referente à família mostrou que pensa ser dependência uma decisão em conjunto, respondendo quando perguntei se não se sente opinando nas decisões em família:

Wilson - ... não porque tem outras opiniões. Você depende de outras opiniões.

Ficou quieto e pareceu pensar quando devolvi com outra pergunta dizendo se isso era depender ou combinar. Neste momento, apareceu um questionamento, aparentemente fora da discussão, algo que estranhei, pois veio de alguém que não costumava se incomodar com os outros do grupo:

Belinha - Professora, a Eliana e o Marco, não estão falando.

Eu disse que não era obrigatório falar e mais uma vez me coloquei como não estando ali para dar aulas ou ser autoritária com eles. Fiz a leitura de que, como outros comentários sobre meu papel no grupo, que aparece em forma de questionamento de vez em quando, este era também como outra forma de me experimentar ou testar se eu realmente não agiria como uma professora. Mais uma vez isto ficou em suspenso.

Foi interessante que, após um silêncio em seguida desse fato, alguns colocaram a autonomia de forma mais relativa, parecendo que de alguma forma teriam pensado em outras possibilidades:

João - Ninguém é independente totalmente de todos... é "não-depender", mas ninguém é assim.

Wilson - Professora, depender "mais ou menos" é subjetivo, todos dependem uns dos outros.

Nayara - Eu sou dependente da minha mãe, mas às vezes eu posso sair.

Apesar da palavra 'professora' mostrar minha referência vertical e 'subjetivo' parecer uma palavra reproduzida, o pensamento parecia ter tido alguma mudança no sentido do relativo da questão. Isso se estendeu para colocarem por iniciativa própria suas posições:

Belinha - Eu, tem momentos que sou e momentos que não sou dependente. Ora eu preciso, ora eu não preciso.

Nayara - Eu sou dependente da minha mãe na parte material, mas tenho minha opinião.

Curiosamente, depois destas colocações, iniciaram outras sobre o quanto a sociedade impõe padrões para seguirem, o que interpreto também como uma maior reflexão a respeito do tema, aparecendo muitas gírias e temas de interesse deles:

João - ... a sociedade é chata... se você é "Emo", você é gay, se você tem cabelão, você é roqueiro...

Wilson - É tipo assim, o padrão de igualdade que a gente tem que seguir... eu sofro pré-conceito porque ando de skate... as mães falam que quem anda de skate é maconheiro...

Belinha - É, nada a ver...

Outro ponto importante: duas colocações que fizeram quando avisei do fim deste encontro, que já passava do horário, e que confirmou o incômodo que estavam sentindo quanto a essa relação nossa, que não lhes fornecia referências e que os fazia ter que pensar e buscar soluções próprias para seus conflitos, deixando-os sem conclusões imediatas:

João - Eu quero uma conclusão.

Wilson - Como chamamos você: tia, professora, senhora?(todos riram)

Penso que este encontro foi marcado pela questão da dúvida de como se colocar diante de alguém que propõe uma mudança na forma de relação com eles e mostraram que apenas conhecem uma forma vertical de relação com os adultos e o incômodo que lhes causou terem ido embora sem algo concluído.

4.1.3.3 - Eu no processo

Eu me senti encurralada neste encontro. Como iria trabalhar esta questão de me cobrarem um nome de um papel que eu ainda não tinha? Li qual seria meu papel novamente no texto que escrevi sobre isso antes de começar a pesquisa, mas a teoria é bem diferente de prática. Tinha uma teoria, mas não tinha um nome: facilitador? Coordenador? Eu queria que meus orientadores me dessem um nome, assim como os adolescentes queriam nomes e conclusões. Sentia-me sem saber o que fazer quanto a isso, e nada de contato com meus orientadores, e eu precisava continuar, pois entre uma semana e outra tinha que fazer a transcrição dos encontros e preparar o próximo, de modo que fui continuando.

4.1.4 - 4º ENCONTRO

4.1.4.1 - Descrição sumária do quarto encontro:

Iniciamos relembando o encontro anterior e depois propus uma dinâmica para vivenciar a autonomia e a dependência, seguida de reflexão. A dinâmica consistia em ficarem em duplas em que um dos membros vedaria os olhos com um pano escuro e o outro o levaria por entre caminhos formados pelas cadeiras, arrumadas pelo coordenador sem que vissem. Após alguns minutos, o membro que vedou seus olhos trocava de posição com o outro, o que daria a oportunidade de que os dois participantes pudessem experimentar as duas posições: a de guiar e a de ser guiado. Compareceram neste encontro: Nayara, João, Gabriela, Eliana, Belinha, Marco, Virgínia e Wilson. Alberto e Tatiana faltaram e vinham faltando no projeto como um todo, e Inara considerada desistente pela coordenação. Vilmar estava fazendo o curso da Coca-Cola neste horário por alguns encontros e Cleiton também faltou.

4.1.4.2 - Análise

Alguns iniciaram mostrando incômodo com a minha posição de não me colocar verticalmente no encontro passado, quanto à exposição de ideias que vinha deles, pois eu mais perguntava do que respondia o que queriam:

João - Eu pesquisei no dicionário... autonomia é igual a independência, não depender, e dependência é depender do outro.

Pesquisar no dicionário foi tentar resolver a dúvida que ficou no encontro passado, uma atitude autônoma de encontrar a solução para um incômodo que foi criado, agindo com os seus próprios recursos. Sinalizei, então, para o grupo, que a iniciativa da busca pelo conceito de autonomia foi boa e que eles mesmos mudaram a sua postura ao buscar respostas ao invés de esperá-las.

Parece que a necessidade do grupo era de que eu ensinasse algo pronto e estático, um padrão que pudessem "copiar" ou "seguir", e ficavam angustiados quando isso não acontecia, o que provocou a procura de uma referência por escolha própria, a do dicionário.

Depois da minha colocação iniciaram pensamentos mais flexíveis, relativizando a questão:

Eliana - Eu acho que uma depende da outra, a independência e a dependência, não tem uma sem a outra.

Victória - A gente começa dependente e vai se tornando independente com o tempo.

João - Eu cheguei à conclusão que não tem conclusão, mas eu queria uma.

Neste último exemplo, a adolescente se deu conta de que a necessidade que sentia da segurança de uma "verdade" independente de saber que ela poderia não existir. Eu comentei o quanto esta questão poderia ser relativa quando discutida sob diversos pontos de vista e que, talvez por isso, não seria possível uma única conclusão a respeito.

Neste momento houve um silenciamento do grupo e olhares pensativos, que mostrava estarem pensando a respeito, e após alguns minutos sugeri uma dinâmica para vivenciar e problematizar ainda mais a questão, dinâmica bem aceita pelo grupo.

Iniciaram contando a experiência de depender e de guiar o outro, sendo que a maioria enfatizou que a dependência remetia à insegurança, como mostra a fala a seguir:

Wilson - ... Ainda mais se você não confia em quem está te guiando...

Se considerarmos o duplo sentido desta frase, a adolescente parecia refletir sobre o quanto as referências que tinha eram inseguras para ela. Parece que vivia em um ambiente que não acolhia suas necessidades de segurança, o que poderia não favorecer o seu processo rumo à autonomia.

Questionei sobre como "guiam" suas vidas no dia-a-dia, se identificavam com ser autônomo, e devolveram dizendo que não:

Nayara - Não psora, acho que tem coisas que não.

Além da negativa, chamou atenção nesta fala o fato de ficar muito evidente a posição em que me colocavam, abreviando-a como "psora". Neste momento pensei que parecia que necessitavam ser orientados, comandados, ensinados, e que mostravam pouca autonomia.

Apesar disso surgiu, em seguida, um questionamento interessante, que demonstrou algum movimento a respeito da curiosidade do meu olhar sobre eles:

Nayara - ... o que você acha da maioridade aos 17 anos?

Fala direcionada a um adulto, no caso eu, que pareceu dizer da dúvida sobre se confiar em alguém como ela para ser responsável ao tomar decisões. De alguma forma, pareceu desejar me colocar num lugar de alguém que direciona, pois me nomeou como “psora”, mas também sentiu alguma abertura ou confiança para arriscar saber se a percebia capaz de ser autônoma, talvez apostando nesta nova postura que cheguei propondo e que notou nos encontros.

Neste momento iniciou-se uma discussão sobre dirigir e ser responsável por seus atos, maioridade penal, ter hora para voltar para casa, para votar, como é tratado o adolescente em outras sociedades. Juntamente com essas questões surgiram posições radicais:

Victória - Todo mundo quer (referência a ser tratado com os mesmos direitos de um adulto), mas se apronta algo corre prô pai, não assume.

Esta adolescente disse, anteriormente, que era autônoma e que fazia o que queria, e, por isso, mostrou dois extremos diferentes de maneira inflexível.

Surgiu também, nesta mesma discussão, falas de responsabilizar o social sobre a postura dependente dos adolescentes de modo geral, mas pensei estarem falando deles próprios também:

Wilson - Mas se com 16 anos pode votar, pode ser responsável pelo que faz...é que não exigem isso dos adolescentes, por isso não assumem... se exigissem...

Belinha - Depende de como a pessoa é criada, se é criada para ter responsabilidade é legal, mas se não for, aí não dá certo.

Wilson - ... a sociedade já te olha e já te julga, entendeu? Não deixa você ser.

Expressaram seu descontentamento com a forma que a sociedade, o "outro" os enxerga; diziam refletir este olhar que é um olhar que vê dependência, incapacidade, imaturidade e desconfiança. Aqui, apesar de não se colocarem como agentes desse processo e apesar de falarem na terceira pessoa, mostraram um olhar diferenciado, um olhar um pouco mais crítico, consciente e, portanto, aparentemente, mais autônomo.

Surgiu neste grupo menção à violência contra o jovem e o jovem de classe baixa, violência física e verbal, na forma de preconceito:

João - A polícia para a gente à toa. Já tomei tapa na cara do nada, só na revista, e tem que ficar quieto.

Wilson - E um monte de menino morre porque os encapuzados (grupo de extermínio) matam porque estão com pessoal que usa droga, mas só tão conversando, ta

ligad? Nem usam e eles matam... A polícia tem preconceito. Mesmo se o cara é usuário, nem é traficante, eles matam.

João - Se você passa de bicicleta os caras já te encostam e dão tapas...

Nayara - A polícia hoje sai matando, não quer saber se é inocente.

Wilson - Se não forem com a sua cara, põem até droga no seu bolso e te acusam...

João - A gente tem medo, é muita violência.

Estas falas mostraram ao mesmo tempo o medo da violência gerada pelo preconceito com essa classe social de adolescentes deste grupo e também o desabafo, apostando na confiança no coordenador. Mostraram falas pesadas e se envolveram muito no assunto, mostrando-se sérios e falando do quanto se sentiam acuados na sociedade.

Mostraram o desejo de se sentirem respeitados, confiados e valorizados pelos adultos, e o quanto acabam correspondendo à imagem que a sociedade faz deles:

Victória - ... mas se você não tá fazendo nada mesmo, bestando, tem que arrumar o que fazer, porque ficar sem fazer nada?

João - Acho que todo mundo passa por isso (fazendo referência à indiferença citada anteriormente pelos colegas).

Nayara - Acho também.

Apesar do término do encontro, demoraram a se levantar, estavam sérios e em silêncio, mostrando que tudo havia feito sentido. O encontro parecia ter tido um sentido muito reflexivo para todos.

4.1.4.3 - Eu no processo

Este encontro foi muito interessante na construção do meu papel, talvez um ponto de partida. Eu realmente cheguei a esse encontro me sentindo sem função até ali, sem papel, e me criticando muito por isso.

Eu estava temerosa, pois não sabia se sairia desse encontro novamente perdida, mas mesmo assim precisava dar continuidade à pesquisa. Para minha surpresa, o desenrolar do encontro e o sentido do mesmo para aquele grupo, a intensidade da provocação que causou, me trouxeram o sentido para a palavra coordenador. Parecia que agora eu começaria a ter um papel ali, com sentido de coordenar, ajudar a construir.

Era um lugar que não sabia onde, se teria ou não um resultado, se seria a médio ou longo prazo, mas parecia ter algum sentido.

4.1.5 - 5º ENCONTRO

4.1.5.1 - Descrição sumária do encontro:

Iniciou-se uma discussão sobre o conceito de professor atribuído ao coordenador no grupo que tomou uma boa parte do tempo do encontro. Depois revisamos uma charge com componentes falando sobre substâncias psicoativas (cigarro e bebida) e então seguimos com a proposta de fazer uma frase sobre o tema autonomia/dependência e drogas para então iniciarmos uma discussão sobre o assunto. Compareceram a este encontro dez participantes: Vilmar, Belinha, Nayara, Tânia (seu primeiro encontro), Cleiton, Inara (veio no primeiro e no segundo encontros e faltou até aqui), João, Jorge (faltou em dois encontros até aqui), Marco, Wilson.

4.1.5.2 - Análise:

Iniciamos o encontro em um impasse: que nome dar para o que sou dentro do grupo. De início parecia fechado que eu seria uma professora, e assim estabelecida e tranquila a posição de dependência em relação a uma figura que detinha o saber sobre o determinado assunto e que deveria lhes ensinar o que era certo ou errado.

Victória - Passa informação...

Vilmar - sobre autonomia/dependência.

João - É uma professora mais boazinha.

Jorge - Se tem uma sala de aula, se tem uma pessoa na frente, é normal chamar de professor hoje em dia...

Victória - A gente tá acostumado assim.

Wilson - A maior parte do dia a gente tá na escola.

O coordenador então fez os questionamentos quanto àquela posição cômoda do grupo. Assim, surgiram algumas percepções divergentes desta postura do grupo, como mostram as falas a seguir:

Belinha - Não passou informação.

Victória - Você não parece professora, porque não tem ignorância com a gente.

Vilmar - Não, não disse, a gente discutiu.

Wilson - É o que então?

Uma das integrantes do grupo que havia faltado até então, a Tânia (era seu 1º dia no grupo), entrou com a expressão fechada e sem querer se comunicar. Parecia que estava ali

sem vontade. Ficou observando por um tempo a discussão até que arriscou perguntar, parecendo desconfiada:

Tânia - Você não gosta de ser chamada de professora?

Pareciam bastante incomodados, se mexiam muito na cadeira e às vezes falavam ao mesmo tempo. O assunto virou uma polêmica e alguns arriscavam outras posições a partir disso:

Nayara - Pode ser ajudante.

Victória - Ajudante de rebeldes sem causa.

Tânia - *Pelo nome* (referindo a como me chamar).

Nayara - (pensando) É.. eu to procurando um nome...

Voltam então à desconfiança, questionando o fato de eu pensar minha posição.

Wilson - Tá te incomodando, psora?

Nayara - Você é boazinha...

Tânia - Vai achando... [...] Mas como você gostaria de ser chamada? [...] Na escola é assim, a gente não pode falar nada, quem tem razão é o professor.

Inara - [...] Fica tentando ver o que passa na nossa cabeça.

Também apareceu nestas colocações referências a professores com posições autoritárias e pouco confiáveis, o que talvez tenha trazido uma idéia de que eu estaria disfarçada com "boas intenções" para melhor exercer o poder.

Apontei então a eles a necessidade de permanecer em segurança na posição conhecida e o receio de uma relação na qual precisem se colocar e ser mais independente se menos acomodados.

Neste momento houve silêncio e seriedade no grupo; minutos depois tentaram alguns nomes como o meu próprio, ajudante, psora (intermediário entre professor e coordenador), paty (me confundindo com eles para observar minha reação), mas não chegaram a um consenso.

Tânia - Então, mas não chegamos a uma conclusão de como te chamar.

Naquele momento procuraram aplacar a angústia me pressionando a resolver a questão.

Tânia - Mas se você não for professora, vai ser igual a gente?

Tânia - Como você se sente bem? Sua vez... te chamando de quê?

Nayara - Não, Não dá, eu só consigo professora!

Wilson - Eu também.

Jorge - Eu também.

Tânia - É muita intimidade, vou chamar de professora, ou dona, ou senhora, fui ensinada assim, minha avó me ensinou...

Wilson - Eu quero chamar de professora, não sei chamar diferente, psora (risos), tá vendo? Sai...

Mesmo quando respondi que minha posição ali era de ajuda e não de professora, não de uma postura autoritária e vertical, eles mantiveram o nome "professora", sugerindo que seria como atitude de respeito.

Resolvido, a princípio, para eles esta questão, pedi que escrevessem uma frase anônima a partir das duas charges que tinham álcool e cigarro no contexto, de modo que a frase relacionasse autonomia/dependência e drogas. A dificuldade de escrita apareceu para a maioria.

Percebi novamente um desejo de corresponderem às minhas expectativas:

Tânia - [...] o vídeo tem uma mensagem? Sobre não usar ou algo assim?

Mostraram a fantasia de que a minha expectativa era de que se colocassem contrários ao uso de drogas e que por isso deviam escrever o correto. Nesta mesma linha de pensamento, mais cinco integrantes (Vilmar, Nayara, Belinha, Inara e Jorge) pediram lápis, borracha e régua.

Enquanto estavam escrevendo, mostravam-se preocupados em escrever o que imaginavam ser o correto, mesmo depois de saberem que poderiam escrever o que quisessem e que seria anônimo.

Tânia - A droga é um vício, não é?

Wilson - O que é pra escrever?

Quando perceberam que eu não lhes dava caminho algum, alguns ficaram bastante ansiosos. Alguns se incomodaram com a caixa de papelão, aonde iriam os papéis dobrados com as frases, para serem lidas posteriormente.

João - O que tem aí dentro?

Wilson - Comida!

Pensei, neste momento, em trazer uma questão e falei que alimentaríamos a caixa para sermos alimentados por ela, como um processo de aprendizado que se constrói junto e que parte da necessidade deles.

Wilson parecia muito ansioso, apontando quem não falava na discussão e provocando os colegas com brincadeiras, às vezes sem graça, inclusive o companheiro que o acompanhava na bagunça:

João - Me deixa, Wilson.

Pedi que parasse, e então, de modo geral ao grupo, disse que precisaríamos treinar saber esperar... Neste momento, fiz a leitura destes acontecimentos como manifestações de angústia por faltar algo que estavam condicionados a ter, que é o direcionamento, o ensino vertical, que os colocavam numa condição de dependência. Assim, quando eram solicitados a trazer uma vivência mais autônoma, se sentiam sem rumo, perdidos, o que talvez tenha gerado tantos incômodos e conflitos. Algumas falas confirmaram esta percepção e acrescentavam o fato que queriam saber se realmente eu acreditava que pudessem se colocar de forma mais autônoma:

Nayara - Prof, você enxerga minha letra?... é pequena...

A frase pôde ser interpretada como uma questão de que se realmente eu consegui vê-la como alguém que tem opiniões próprias, alguém que tem sua contribuição, sua autonomia. Ainda assim, apesar de parecer que queriam ser vistos, chamando atenção, perguntando se os enxergava mesmo, mostraram outro movimento em paralelo, sugerindo um conflito, que era de certificar-se de que ninguém reconheceria o que escreveram, protegendo os bilhetes, me pedindo para tomar cuidado, colocando o caderno na frente do que escreveram para que outros não lessem, ou mostrando claramente seu receio em se revelar:

Nayara - Não quero que leia mais não, vão saber que é meu...

Reforçando essa questão do conflito, ressalto que a mesma pessoa havia dito no início do exercício algo contrário:

Nayara - Eu não ligo, posso até colocar meu nome...

Ao fim da atividade, já entregando os papéis, precisei impor, neste encontro, alguns limites, pois Wilson e outros se perdiam e se envolviam em provocações e bagunça. Mostravam que não se sentiam prontos para se perceber no grupo e respeitar o espaço dos demais. Pareciam angustiados e perdidos, e para que o processo pudesse continuar precisei intervir.

Haviam apontado o quanto a sociedade os via como imaturos e irresponsáveis. Questionei então se eles não acabavam "aceitando" e "correspondendo" a este padrão, deixando de ser eles mesmos, seguindo modelos.

Neste momento aconteceu um silêncio, porém, não senti que me perceberam desta vez como alguém que "deu uma bronca" ou os havia colocado numa posição de dependência, mas notei que me olhavam nos olhos e que pensavam. Também notei que o desenvolvimento da discussão posterior contou com muitas contribuições interessantes do grupo como um todo, e pareceu que o conflito que foi exposto por alguns se referia a maioria.

Alguns arriscaram falar o que pensavam sobre as drogas, mudando um pouco a postura de preocupação em corresponder ao "certo" (o que achavam que seria o certo).

Wilson - A sensação deve ser boa.

Tânia - Eu acho que dá prazer, né...

Belinha - Tem drogas que nem a maconha que é usada como coisas medicinais, para doenças graves...

Wilson - Tem países que é legalizado pra remédio.

Estas falas, curiosamente, foram falas divergentes daquelas colocadas no papel. Também questionaram se os remédios seriam drogas e que já tomaram remédios, sendo que estas seriam legalizadas e controladas, pois teriam uma utilidade. Tranquilos com a conclusão a que chegaram, apontei que a bebida é legalizada e então lembraram que ouviram os pais dizer que existia propaganda de cigarros. Exploraram o campo das drogas numa discussão em que iam acrescentando informações para todos.

Discutiram que a propaganda estimulava a bebida e que podiam ser influenciados por isso, reconhecendo-se assim, vulneráveis, o que mostrava um grau de consciência sobre a condição de serem humanos desejantes.

Belinha - Passava nos filmes aquelas mulheres bonitas que fumavam.

Tânia - Alegria, mulheres peladas...

Inara - Que desce redondo...

Wilson - Tem pessoas que bebem e acham que fica forte.

Iniciaram também uma discussão sobre a legalização, questionando o fato de que algumas são e outras não legais.

Nayara - Psora, eu não entendo porque a bebida é legalizada, não devia...

Wilson - Mas aí vão começar a traficar cerveja...

Apontei a proposta de legalização de todas as drogas que está em discussão na sociedade e foram taxativos quanto ao crack, dizendo que não seria controlado, que era uma droga devastadora. Discutiram sobre a origem e formas de uso das drogas, e muitos trouxeram informações importantes, construindo uma resposta:

Wilson - Vi num filme, eles plantava...

Belinha - Injeta também, não é?

Ficaram quietos e pensativos após esta parte da discussão e apontei este fato. Responderam então que achavam que a droga não era algo bom, pareciam serenos e, desta vez, não pareciam opinar impulsivamente, mas sim mais apropriados de sua opinião e percebendo o que sentiam.

Victória – É que a droga, o nome já diz: é uma droga!

Apontei que onde há remédios que curam, o nome é referente a drogas: drogaria, mostrando que há um lado bom. Alguns então tiraram o foco da substância para o foco do indivíduo, ou seja, de quem usa, questionando o comportamento de uma pessoa ao usar as drogas:

Tânia - Pode não ser ruim, mas as pessoas usam de forma ruim... mente fraca...

Inara - Alguém que tem problemas, vai lá e usa, achando que vai melhorar.

Wilson - Ou não tem o que fazer e vai usar.

Tânia - Ela se sente bem, aí usa outra vez pra outro problema, aí vai resolver sempre assim...

Nayara - Vai pela mente do outro.

João - Se o amigo influencia, o outro faz.

As falas acima sugerem haver construído juntos a ideia de motivações possíveis para o uso e abuso de drogas. Duas intervenções minhas foram ignoradas, uma referente ao uso recreativo não dependente e outra de haver uma motivação pela simples curiosidade. Penso que isso ocorreu talvez pelo grau de crítica que mostraram ter ao pensar neste assunto, uma ideia de perigo frente às drogas, repressora do seu uso. Essa ideia é difundida em escolas e outros programas de prevenção que retratam a atual visão social sobre o assunto. Assim, alguém usar drogas e não viciar, ou ser curioso, seria algo "liberal" demais para os padrões instituídos que eles têm como referência. Pensar sobre isso poderia ser entendido como estar do lado das drogas e de seu uso e abuso, ou seja, concordando ou compactuando com algo errado.

Abordei então a questão do álcool, droga lícita, perguntando porque alguns viciavam e outros não, ao fazer o uso. Neste momento houve silêncio, acredito que confirmando o que eu havia percebido. Incômodo também talvez pelo fato de que esta questão traz uma relatividade ao assunto que não estavam ainda à vontade para considerar. As

falas a seguir confirmam o fato de que talvez ainda não pudessem olhar a questão de um modo relativo.

Inara - Depende do que causa nela.

Tânia - Não querendo cortar o assunto, mas cortando, porque a droga te transforma? Parece outra pessoa... você toma um susto, até...

A discussão continuou então girando em torno da legalização e da crítica ao uso da droga, do vício. Alguém, ao meio da discussão, tentou focar no indivíduo e não na droga:

Tânia - Ninguém depende de ninguém prá viver.

Percebi que esta fala tentou tirar o foco da discussão da substância para focar no indivíduo mais uma vez, mas a fala ficou no vazio. O grupo continuou falando sobre a legalização e a potência das drogas.

Tentei outra intervenção relacionando a dependência das drogas de que falavam ao conceito de autonomia; mas o foco, de modo geral, persistiu na droga e seus perigos.

Belinha - Que droga, psora? Depender de qual droga?

Porém alguns comentários tentaram surgir novamente:

Nayara – Mente fraca.

Tânia - Organismo fraco.

Belinha - Os dois!

Tânia - A senhora acha que tem mais homens ou mulheres que usa?

Wilson - Psora, mas... tipo assim.. tudo pode viciar... tem pessoas que é viciada em compras, em computador.

A partir deste ponto, o foco saiu da substância novamente para os desejos. Relacionaram os vícios a prazeres, o que pareceu uma evolução da discussão, podendo, agora, aparecer a vontade de alguém que utiliza. Além disso, tornaram o poder atribuído à substância química menor. Então seguiram em frente, caminhando na discussão até que o vício passou a ser indicado também para situações em que não há interferência de substâncias psicoativas, mas sim de questões psicológicas.

Wilson - Em comprar, também é vício...

Nayara - Tem vício em limpar...

Tânia - Mas aí é da pessoa, ela precisa...

A discussão foi então passando para um nível de maior abrangência do assunto, chegando ao relato de alguns de suas próprias vivências.

Tânia - Minha mãe me curou do vício de computador, psora. Eu tava viciada em internet. Eu nem comia mais, até emagreci. Aí ela tirou, guardou e cancelou a internet, mas foi melhor prá mim, eu tava muito viciada...

Wilson - Eu também, eu acordava e já ligava o computador. Comia na frente dele e deixei de fazer esportes, não tava fazendo mais nada.

Tânia - Eu deixei o karatê por causa da internet. Eles enriqueceram às minhas custas.

O grupo ouvia atentamente quem se colocava, acenando "sins" com a cabeça, com risos e atentos, ao fim do encontro, muito pensativos. Pareceu que a discussão os prendeu alí, pois passamos meia hora do horário de ir embora. Muitos tinham escola e outros compromissos, mas a discussão permanecia intensa. O lanche foi servido durante a discussão mesmo, por causa disso, sem que eles dispersassem. Ainda pediram, antes de ir embora, para ver as charges novamente, o que me fez pensar que queriam ver de novo o mesmo tema, porém agora com outro olhar.

4.1.5.3 - Eu no processo

Saí do encontro sentindo-me satisfeita e pensando que talvez aquela discussão tivesse despertado outros olhares e ampliado a crítica do grupo, e também feito sentido para suas vivências pessoais e referências. Parecia que agora fazia sentido meu papel alí, que eu tinha com o que contribuir que não fosse com conhecimento pronto e formal (aliás, eles tinham muito conhecimento), mas sim sobre ajudar a organizar o que já sabiam e questionar mais, no sentido de provocar que buscassem, por si só, as respostas que queriam. Foi muito interessante vê-los construindo pensamentos e poder ajudar no processo.

4.1.6 - 6º ENCONTRO

4.1.6.1 - Descrição sumária do encontro:

Assistimos ao filme “Diário de um adolescente” que conta sobre um adolescente de classe média-baixa que se envolve com as drogas e luta para sair do vício. O filme mostra questões da adolescência, conflitos familiares, aspirações profissionais, motivações ao uso de drogas e caminhos diversos no curso do abuso e do vício. O filme teve duração de cerca de duas horas e compareceram ao encontro (sabendo da proposta do filme) treze participantes: João (esteve neste encontro depois de muitas faltas devido ao time de futebol), Wilson,

Victória, Belinha, Nayara, Gabriela, Marco, Cleiton, Eliana, Valter (primeira vez no grupo), Vilmar, Jorge.

4.1.6.2 - Análise

O filme fala de adolescência, sonhos, família, relações com outras instituições, realização de desejos, aspirações profissionais, drogas, vício, escolhas, como temas mais relevantes e parece ter incomodado o grupo. Uma das meninas, que estava do meu lado durante a exibição do filme, perguntou se eu sabia que a mãe era usuária de drogas. Respondi que eu sabia e que poderíamos conversar sobre isso se precisasse e quisesse, em outro momento. Todos demonstraram muita atenção ao filme, não foram ao banheiro e não se levantaram para nenhuma outra atividade, nem conversaram entre si durante o mesmo. Além disso, permaneceram sentados ao terminar a sessão, e tive que enfatizar que o lanche estava na mesa. Houve muito silêncio, então eu disse que parecia que o filme havia mobilizado a todos e que se fosse assim, conversaríamos no próximo encontro sobre isso, pois estávamos passando muito do horário novamente. Demoraram a se servir e alguns disseram que o filme era forte, mas que era a realidade, outros concordaram com a cabeça. Saíram bastante silenciosos.

4.1.7 - 7º ENCONTRO

4.1.7.1 - Descrição sumária do encontro

Neste encontro propus discutirmos o filme relacionando com o tema da pesquisa. Compareceram doze participantes: Gabriela, Tânia, Marco, Cleiton, Eliana, Belinha, Victória, Wilson, Valter, Vilmar, Jorge e Nayara. Recebi a notícia que um dos integrantes estava preso por furto e que estava pela segunda vez na Fundação Casa, pois já cumprira regime de liberdade assistida anteriormente. Este encontro não permaneceu apenas em torno do tema drogas, tendo surgido uma ampliação das questões de autonomia às questões sexuais e também legais quanto aos direitos e deveres da adolescência e seu reconhecimento social.

4.1.7.2 - Análise

Quatro integrantes chegaram antes do horário, todos chegaram dentro do horário previsto, dado interessante, pois em comparação aos três primeiros encontros, em que chegavam após o início, pareceu que houve uma evolução do interesse do grupo pelo tema.

Tânia não compareceu ao filme e por isso sugeri ao grupo que o relatassem a ela e disse que assim também poderíamos recordar e dar início a uma discussão. Todos concordaram e alguns iniciaram os relatos do filme. Notei que contavam o filme relatando com transparência as cenas, menos no que se referia à sexualidade. Apesar do assunto não ter relação com o tema a princípio, não pude deixar de perceber os comportamentos, palavras que gaguejavam, e olhares revelando vergonha e receio de falar sobre o assunto.

Citaram também o rapaz do filme que foi preso e apesar de não ser mencionado o colega preso neste momento, discutiram esta questão de diversas formas, dentre elas uma que chamou a atenção: pena de morte. Esta questão polêmica que pareceu atraí-los, talvez em parte porque estavam num período de exercitar as próprias opiniões e em parte pelo colega, polemizando. Alguns se colocavam a favor da pena de morte, principalmente para o estupro e abuso de crianças (novamente aparecem aqui questões sexuais), e outros contra.

Wilson - Aqui tinha que ter a pena de morte, mas na tinha opinião, prá estupro e abuso de crianças...

Tânia - Eu sou a favor para o estupro...

Foi citado o filme “À espera de um milagre” no qual alguém espera a pena de morte por haver estado no local do crime e ter evidências contra si, mas é inocente. Pensei neste momento sobre a angústia de não terem tido muitas informações sobre o colega preso e não se sentirem convencidos de que ele seria mesmo responsável, já que mostraram em outros encontros o quanto desconfiavam da polícia.

Victória - *É, estão falando por aí* (referente à pena de morte no Brasil).

Wilson - Poderia passar aquele filme “À espera de um milagre”...

Valter - Tem um preso que é especial...

Novamente surgiram as questões da sexualidade a partir das discussões sobre crimes sexuais. No início o grupo focou num dos integrantes, mais extrovertido, que fez piadas para falar do assunto, e então ele pareceu falar pelo grupo, como um porta-voz:

Wilson - Fez sexo oral por dinheiro... (risos e burburinho)

Victória - O Wilson queria falar sobre as pessoas viciadas em sexo...

Tânia - Psora, se você conversar com esse menino... ele só fala nisso... tem que ver... é só esse assunto...

Assim, a questão da sexualidade tomou grande proporção. Pareceram questionar com estas falas o quanto eram são vistos como imaturos pela sociedade, comparado às

responsabilidades de antigamente, quando se casava cedo, com 15 anos, como disseram, e hoje não podiam exercer a sexualidade.

Wilson – Mentira... falo desses assuntos na classe?... Minha avó fica falando que essa juventude é maó safada, mas ela teve 13 filhos... psora, tem vício de tudo né?

Belinha e Victória - E tinham 15 anos quando casavam né?

Wilson - Minha prima com 14 anos fugia de casa...

Victória - Não, ela engravidou dele...

Como a sexualidade autorizada está relacionada à etapa adulta do desenvolvimento, pareceu que sugeriram que estavam sendo vetados dessa etapa. E uma questão surgiu aqui: então sentiam confiança, ali naquele grupo, para mostrar que queriam crescer? Ou atribuíam restrições aos outros para se defender do próprio desejo? No tema sexualidade parecem também haver vivenciado o conflito autonomia/dependência, expondo o que pensavam e ampliando o foco social para as escolhas individuais, falando se si mesmos.

Falaram sobre a questão do prazer tanto do sexo, como das drogas e outras questões, além da questão do vício. Mostraram o desafio do controle dos desejos que surgem na adolescência, as curiosidades de experimentarem o novo, e o medo que sentiam de si mesmos pelos impulsos, medo de não dar conta ou de não serem capazes de controlá-los, de ter autonomia. Argumentaram em suas falas que este controle era exercido externamente, pelo meio social:

Gabriela - Mas é pecado fazer amor...

Tânia - Tipo, é pecado fora do casamento...

Wilson - Só por prazer...

Tânia - Com o namorado é pecado... tá cedendo à carne... hoje em dia tudo é pecado...

Wilson - Não é só hoje... sempre foi...

Tânia - Então falam que a gula, a gula é pecado, a inveja, a inveja é pecado...

Wilson - A avareza... a vaidade...

Denunciaram o controle social pela culpa e que, apesar do medo nas primeiras falas acima, havia também a crítica nas falas posteriores, mostrando que não aprovavam este modo repressor de controle (este é o controle social que se faz com a questão drogas também, um modo repressor que não amadurece e não favorece a autonomia para que o indivíduo faça suas escolhas).

Começaram então a situar a sexualidade como algo natural da infância, mostrando que os desejos eram do indivíduo desde sempre. Porém, mostraram que a repressão que sofreram e questionavam, também estava de acordo com o que acreditavam e, por isso também, estavam em conflito:

Gabriela - Minha irmã tem 5 anos e já faz isso (referindo à masturbação), fica mexendo e eu bato nela...

Tânia - ...Acho ridículo uma criança ficar lá... (referindo à colocação acima), você tem que explicar que é muito novinha e tem que brincar... que não pode...

Belinha - Mas criança não tem maldade...

Também pareceu mostrarem, neste momento, outro lado da questão: de não serem tão imaturos quanto uma criança para não poderem exercer sua sexualidade. Por outro lado pareceu que não confiavam no próprio controle, o controle de seus desejos, pois relacionavam o sexo e as drogas ao vício, muitas vezes durante a discussão. O sexo, assim como as drogas, ocupava em algumas falas um lugar marginalizado e prejudicial, sugerindo o prazer como algo não correto.

Tânia - Hoje é raro virgindade entre os meninos... mas encontra, meninos que gosta de estudar...

Wilson - ...meninos que são mais focado no estudo...

Gabriela - Que quer ser alguém na vida...

Tânia - Que, tipo assim, curtem mais estudar, curtem mais música...

Eu disse que percebia que falavam de pessoas corretas e sérias e de pessoas não muito sérias e corretas e que no segundo grupo estariam pessoas que gostavam de drogas e sexo. Houve bastante barulho. O foco então voltou para as drogas, pareciam confusos.

Wilson - Eu acho assim, ... o cara pode ser muito esperto e tá no meio de gente que... curte drogas, e não é usuário, só que tá ali... como o cara pode não ser esperto então...

Pareceu que a angústia de não ter uma resposta imediata para uma posição mais relativa trouxe-lhes o pensamento para o extremo do vício, talvez para resolver rápido a angústia de ficar com a dúvida. Continuei relativizando com questionamentos e disse que há pessoas que usam drogas e não se viciam. Disseram que era difícil resolver essa questão. Disseram que as drogas estavam longe deles e não no seu dia-a-dia, mas ficaram pensativos quando perguntei se não tomavam remédios. Depois disso alguns disseram que usaram cigarro e álcool, mostrando que drogas para eles era referência de algo ilícito, ou seja, ligado ao que é proibido socialmente.

Falaram novamente do vício do sexo citando um artista americano que fez tratamento pra isso. Eu perguntei sobre ligações entre os prazeres, droga e sexo, e então mostraram angústia em pensar:

Wilson - Ajudando a confundir, não dá resposta, só pergunta... (se referindo a mim para outro membro do grupo e rindo).

Após algum tempo de expressões de angústia e pedidos que eu respondesse e de que eu não os deixasse mais com dúvidas, pareceu que puderam fazer algumas construções a respeito.

Wilson - É da personalidade, mas também da criação da pessoa esse negócio de dependência... fica pegando muito no colo quando é pequena, mimando...

Jorge - Se criar assim mimado, o cara tem 15 anos e fica dando comida na boquinha, fica dependente dos pais... tipo assim, dar tudo na mão, tem que ensinar a fazer, né? Ela vai saber lidar com a situação, vai pensar melhor...

Trouxeram uma ideia de que a dependência fazia parte do pensamento de alguém que não faz suas escolhas e que foi cuidado em demasia e, portanto, não sabe pensar nem fazer por si mesmo. Apesar de colocarem o carinho como fator que desenvolveu a dependência, uma colocação talvez baseada em suas referências, também, por outro lado, mostraram um pensamento diferente daquele focado apenas na droga como um perigo em si. Perceberam que podia haver algo no indivíduo que facilitasse o abuso de drogas.

Interessante neste encontro é que alguns adolescentes que não falavam ou não falaram muito durante os encontros se manifestaram com certo destaque, como foi o caso de Jorge. Parece ter construído, durante os encontros, confiança e ideias próprias que puderam ser colocadas em muitos momentos neste encontro. Notei também uma mudança no comportamento de “chamar a atenção” de Wilson, que mostrava comportamentos de respeito à fala dos colegas, escutava mais e tinha menos comportamentos de incomodar durante o encontro.

Abordaram novamente a questão do sexo relacionado à compulsão e ao vício, lembrando alguém famoso que se tratou para aprender a se controlar com relação ao sexo. Então afirmei que ficavam angustiados quanto aos seus desejos e que talvez, por isso, se posicionavam de forma radical em relação a eles, valorizando muito o autocontrole.

4.1.8 - 8º ENCONTRO

4.1.8.1 - Descrição sumária do encontro:

Começamos este encontro com a escuta e leitura de uma música para discussão do tema autonomia/adolescência e drogas. Aconteceu um pequeno impasse com relação a gosto musical, mas de modo geral a música foi um recurso bem aceito pelo grupo. Compareceram onze integrantes: Valter, Wilson, Jorge, Victória, Belinha, Gabriela, Marco, Cleiton, Vilmar, Nayara e Tânia.

4.1.8.2 - Análise

A música provocou, de modo geral, alguns conflitos, dentre eles a dificuldade de lidar com a diferença. Um conflito sobre gênero musical quis instalar-se e alguns, de forma bastante crítica e radical, rejeitaram a música de início, colocando ideias taxativas e preconceituosas sobre a música, porém sem analisar seu conteúdo. Os defensores do gênero *rock* ficaram contra os do gênero *rap* e *funk* e vice versa.

Victória - Não presta mesmo[...], essa parte tem violência (indignada).

Wilson - Não adianta ficar brava não...

Por outro lado percebeu-se também a mesma forma radical de análise quanto a quem se colocava a favor da música. Ao começarmos a analisar o conteúdo percebi que também não compreendiam sua letra, apesar de dizerem que conheciam e escutavam a música, pois já era "antiga".

Victória - Eu não entendi nada... essa parte tem violência...

Wilson - É que muita gente não conhece na realidade esse M.C...

Propus que, independente do gosto musical, todos pudessem ajudar a entender a música e falar sobre ela.

Jorge, que havia começado a se expor um pouco mais no encontro anterior, fez colocações interessantes durante este encontro apesar da timidez nítida na sua postura e boné quase escondendo o rosto (às vezes também abaixava o olhar ou falava baixo demais). Teve vontade de participar e contribuir além de ter mostrado empolgação na sua fala, e isso mostrou uma nítida evolução no seu processo e maior confiança em si mesmo, conquistada durante os encontros.

Jorge - É que é assim, nas favelas tem gente que não tem investimento nas coisas boas, só é rodeado de coisas ruins.

Alguns colocaram que se sentiam vistos com desdém, ou que não se sentiam olhados, percebidos como quem tem potencial. Mostraram que pensam a sociedade como tendo influência sobre o jovem que depende dela, reconhecendo essa dependência.

Wilson - Porque, tipo assim, a sociedade julga o adolescente muito, que vira assassino, mas não para pra pensar que ele não tem outra escolha... Qual incentivo que eles dão? Eles não dão nada de lazer, por exemplo... A sociedade e o governo, todo mundo num conjunto só...

Outros se colocaram como responsáveis pelo que escolhem na vida e se colocaram como tendo uma parte de autonomia quanto a buscar caminhos e alternativas, dizendo que são, por vezes, acomodados com as oportunidades.

Victória - Tudo que tem de errado a culpa é da prefeitura... só que quando a prefeitura dá alguma coisa boa as pessoas destroem.

Foi também colocado em discussão a confiança nos governantes. Mostraram que a força para combater a corrupção talvez tivesse que vir de outro lado, talvez do lado que era excluído, porém com a mesma força e certa violência. Talvez falassem também dos conflitos internos que vivem. A acomodação da fase em que estão versus a vontade de mudar.

Wilson - ... A senhora sabe o que é o PCC? Eles querem fazer outra sociedade, entrar no lugar do sistema, destruir o sistema, tirar todo mundo que está em Brasília e fazer outro do jeito deles... do jeito deles, claro né...

Jorge - eles roubam, tá ligad?

Wilson - Eles também ganham dinheiro no tráfico, dão dinheiro pra eles, liberam o tráfico.

Iniciaram uma discussão sobre as drogas e do quanto o governo era corrupto quanto a esta questão, muitas vezes compactuando com ela. Como falavam das contradições sociais, propus uma questão para pensarem nas contradições individuais, lembrando, por exemplo, que alguns, em outros encontros, disseram que utilizavam cigarro e bebida mesmo sabendo que estavam descumprindo a lei de que menores não podem fazer uso destas substâncias. Alguns se justificaram tentando ter uma certeza, talvez para si mesmos, dizendo que utilizavam no fim de semana, e outros, que já usaram, mas não mais. Mas de início não pareceram olhar este questionamento de uma forma mais crítica.

Victória - Eu já bebi e não gostei.

Wilson - Nem é escondido, psora, tem molecada de 5 anos que passa na frente da polícia fumando e a polícia não faz nada... "E aí, tio" eles falam...

Belinha - Meu pai me deu bebida pra beber... Eu tomei, mas não gostei, devolvi prá ele...

Nayara - Eu experimentei e cuspi.

Wilson - A única coisa de grave que eu já fiz foi beber, só... Meu pai me dava também...

Gabriela - A minha vizinha dava pro neto dela cerveja quando ele tava com febre e ele melhorava...

Muitos relataram a contradição, no seu dia-a-dia, quanto à questão do uso de drogas, mostrando que as regras ou as leis referentes a isso não estavam claras para eles, talvez retirando a responsabilidade de si. Apesar de dizerem, a princípio, que não gostavam ou não faziam uso, talvez também na tentativa de corresponder ao que imaginaram ser a expectativa do coordenador, riram e se acusaram de estarem mentindo, sugerindo que faziam uso de substâncias de no final de semana, reconhecendo, neste segundo momento, sua responsabilidade quanto às suas contradições. Uma das falas foi clara quanto a isso:

Wilson - Ele que bebe, enche a cara no fim de semana...

Em seguida iniciou-se um diálogo sobre a parte da música que diz sobre as opções de lazer e prazer além dessa da droga.

Wilson - ... é só escolher outras formas de se divertir... Se oferecerem mais projetos igual àquele Curumim, é da hora esse projeto... todos teriam mais coisas boas para escolher.

Belinha - Tipo assim, professora, a gente tem escolha, mas às vezes a pessoa não fica sabendo o que tem... tem um curso lá, mas a pessoa não fica sabendo, como vai?

Colocavam-se de início como vítimas do sistema, como não podendo agir a favor de si mesmo, como se o ambiente externo não permitisse nenhuma opção de busca de suas escolhas. Logo em seguida instalou-se um conflito de opiniões, já que alguns se colocaram contrários a esta opinião, de forma tão inflexível quanto.

Victória - Tem que se interessar em saber... vai do interesse da pessoa isso... levanta do sofá e vai... ir sozinha, não é incentivo...

De início apareceram essas duas posições extremas, de um lado acusavam a sociedade e de outro o próprio adolescente. Mostraram posições taxativas e radicais para ambos os lados até que surgiram posições intermediárias na discussão.

Wilson - É o ambiente que você vive que pode te formar, mas você pode mudar isso...

Esse posicionamento mais relativo pareceu causar em alguns a dúvida, evidenciada nas expressões faciais. Percebi também o tom desafiador da pergunta de um dos

membros, relatada a seguir, e os acenos de cabeça de outros membros concordando com ela, com um tom de "você não sabe o que está falando".

Belinha - Wilson, eu não tô entendendo o que você falou.

Neste momento também percebi que começaram a fazer perguntas entre eles mesmos, como eu fazia (e até então era apenas eu quem questionava). Isso pareceu mostrar que o processo estava fazendo sentido para eles que passaram a utilizar a mesma dinâmica, a de fazer perguntas uns para os outros quando precisaram desenvolver uma questão. Estavam podendo deixar uma dúvida no lugar de uma certeza imediata, aguentar o tempo de chegar a uma conclusão. Wilson, que foi questionado, desenvolveu melhor o que queria dizer, tornando mais clara sua colocação:

Wilson - Tipo assim ó: a molecada vê o pai fumando e a mãe cheirando, drogados, ou seja, é o ambiente dele, então ele vai achar normal fazer, e aí o mais certo é que ele vai fumar ou beber, mas você não pode deixar o ambiente te fazer, você tem que fazer seu próprio ambiente, entendeu?

Neste momento do encontro focaram o indivíduo e suas escolhas e não tanto na droga em si. Pareciam dizer que tinham vivências sobre a problemática das drogas, diferente do que colocaram em encontros anteriores, quando diziam que nada tinham a ver com isso. Talvez neste momento se sentissem mais confiantes de se colocar e também estivessem tendo uma ampliação da percepção das coisas à sua volta.

Gabriela - Tipo eu, na minha casa, eu tenho exemplo da minha mãe que usa drogas, e eu não quero...

Wilson - Eu tenho também um exemplo. Eu tinha dois primos que eu era bem apegado neles. Um mataram e o outro tá jogado nas drogas...

A discussão se tornou uma exposição de ideias bem interessantes e muitos se mostraram abertos a posturas mais relativas em relação ao assunto, como ao falar da questão da dependência.

Belinha - Tudo na vida a gente escolhe, mas às vezes usou droga por que quis, isso sim, mas outras coisas não é bem assim, tudo depende...

Jorge - Psora, é tipo assim, o lado ruim a gente já sabe como é, é o que a gente pode ter, agora o lado bom não, a gente não sabe...

Trouxeram falas mais amadurecidas e mais nuançadas, menos imediatistas e radicais neste momento do processo. Parecia não ser tão necessário ter tantas garantias de estar fechado ou seguro dentro de um padrão conhecido (ou considerado normal) e puderam

escutar outros posicionamentos diferentes além de expressar o que sentiam e pensavam sobre o assunto sem disfarces. Falaram, por exemplo, sobre as muitas motivações que podiam facilitar o abuso de drogas, sem focar no preconceito ou radicalizar suas colocações:

Wilson - Às vezes o jeito da pessoa fugir do mundo de violência, problemas, é usando drogas... vai querer fazer mais vezes...

Jorge - Prá se refugiar...

Continuei observando neste encontro a mudança de postura de Wilson, que escutava e respeitava a vez do outro de falar, inclusive em relação ao colega com quem teve um impasse, Vilmar, tendo uma postura aparentemente mais amadurecida no grupo. Jorge falava mais neste encontro, formulou frases interessantes que o grupo valorizou e pareceu mais confiante. Marco, que, sempre calado, nem ao menos acenava a cabeça, pediu a palavra pela primeira vez durante todos os encontros, mas desistiu. Tentei valorizar sua fala e, apesar de não ter acontecido, sua manifestação, ainda que mínima, foi significativa. Ao final deste encontro, como não aconteceram ideias para o próximo, sugestões que pudessem escrever um texto, uma história para ser encenada e que o assunto fosse de nossos encontros. Organizaram-se de forma interessante, os mais falantes de um lado, os menos falantes de outro; porém, quando fiz essa observação para o grupo, tomaram o cuidado de valorizar a opinião do grupo menos falante pedindo sua opinião. Mas houve um momento em que ajudei a organizar a discussão, pois falavam ao mesmo tempo e não produziam.

4.1.8.3 - Eu no processo

Neste encontro a posição de facilitar o processo do grupo foi muito prazerosa. Perceber a evolução do grupo e vê-los se colocar de forma mais crítica nos assuntos abordados foi gratificante. Senti de forma mais concreta que o processo estava acontecendo, e pude encontrar um papel no grupo concomitante ao sentido que o grupo também foi encontrando nos seus questionamentos.

4.1.9 - 9º ENCONTRO

4.1.9.1 - Descrição sumária do encontro

Neste encontro a atividade proposta foi a de produzir um texto para uma peça teatral referente ao tema. Atividade que eles mesmos sugeriram, modificando a programação das atividades da pesquisa, o que era um fato que eu sabia que poderia ocorrer, pois fiz a proposta de sugerirem atividades desde os encontros iniciais. Como alguns gostam de teatro, a

proposta foi acordada com o grupo todo, que aprovou a idéia com animação. Compareceram os doze integrantes: Nayara, João, Vilmar, Valter, Gabriela, Tânia, Eliana, Marco, Cleiton, Wilson, Belinha e Jorge.

4.1.9.2 – Análise

Durante o início da atividade estavam muito falantes e desorganizados e não conseguiam avançar na produção, mudavam muito de ideias e discutiam. Sugeriram que eu os organizasse dizendo que precisavam de um diretor. Devolvi sugerindo que elessem um diretor como sendo um deles. Sugeriram então a Victória, que vejo como quem tem mais facilidade de expor suas opiniões sem receio do que pensam dela e tem posicionamentos mais radicais. Durante o processo, porém, Victória se mostrou bastante democrática. Apesar de pedir organização com firmeza e até certa imposição, pedia a opinião de outros membros e escutava a argumentação do grupo. Fiz esta observação para ela e para o grupo e pareceram sentir-se valorizados e capazes tendo levado o trabalho com mais empenho, avançando muito.

A história que construíram contava sobre um rapaz pobre que mora num lugar de periferia e em local de violência e contato com drogas, que luta por um lugar na sociedade, conseguindo uma bolsa de estudos numa escola particular. Na escola onde conseguiu a vaga foi humilhado pelos colegas mais ricos. Um deles que foi menos preconceituoso fez amizade e o defendeu diante dos amigos. No mesmo dia o rico foi abordado por ladrões no momento em que o pobre passava pelo local. Como ele conhecia os ladrões, pois eram do seu bairro, pediu que deixassem o rico ir embora, que o soltassem, e os ladrões deixaram. Em agradecimento, convidou o pobre para ir a uma festa e se tornaram amigos. O menino rico ficou envolvido com drogas depois que uma amiga ofereceu-lhe nesta mesma festa e não conseguia sair do vício posteriormente. O pobre recusou a droga na mesma festa e por isso não se viciou. O amigo pobre o aconselhava o rico a não usar mais, porém este ficou cada vez mais envolvido e precisou de ajuda. Este amigo e a namorada do rico tentaram de muitas maneiras ajuda-lo, para que saísse do vício, porém só aderiu a um tratamento quando realmente quis.

Essa produção do grupo pareceu mostrar a posição de que não apenas o ambiente ou as decisões pessoais determinavam as escolhas, mas diversos fatores, desde sociais até individuais. Pareceram se identificar com o menino pobre que escolheu batalhar por um espaço na sociedade ao invés de sucumbir à influência do meio. Mostraram que alguém pode fazer diferente mesmo vivendo num lugar onde tudo tende para o mesmo caminho, e onde há

prevalência de violência, drogas e exclusão social. Essa produção me fez pensar que apesar de idealizarem um personagem, idealização própria da idade talvez, amadureceram para pensar em suas escolhas. Também mostraram autonomia ao escolher uma atividade que fizesse sentido no desenvolvimento de suas idéias e também na construção da mesma, deixando-me apenas como facilitadora nos momentos de impasse. Seguiram sozinhos na maior parte do tempo.

4.1.9.3 - Eu no processo

Este foi um encontro no qual me senti muito no papel de facilitadora por estar ali do lado apenas olhando o processo acontecer com muita facilidade e criatividade, e apenas respondendo quando era chamada. Fiquei gratificada por estarem empolgados e parecendo felizes em produzir algo somente deles.

4.1.10 - 10º ENCONTRO

4.1.10.1 - Descrição sumária do encontro

Neste encontro propus que respondessem à questão do primeiro dia novamente: “Como você descreve seus modos de agir, sentir e pensar?” como avaliação comparativa do início e fim do processo. Também foi preparada uma devolutiva com frases que disseram durante os encontros, escritas em forma poética.

4.1.10.2 - Descrição sumária do encontro

Responderam a questão de forma bem tranquila e desta vez, sem pedidos de régua e borrachas, o que achei interessante. Talvez isso signifique que estavam mais à vontade no grupo do que no início dos encontros e que estavam também mais confiantes em se colocar. Em seguida de entregarem as folhas com as respostas das perguntas, anunciei a devolutiva do processo e comecei a ler para eles as frases, que ouviam atentamente. Em meio a sorrisos e emoções e em uma de minhas pausas, Wilson tomou a iniciativa de continuar lendo sem combinarmos. Para minha surpresa foi logo seguido por Victória, e assim o grupo se empolgou, seguindo com a Belinha, Tânia e Valter. Não foram todos, mas de forma muito organizada e sem combinarem previamente, estes membros se olhavam e liam uma frase, formando um jogral. Uma organização construída novamente pelo grupo e desta vez numa sintonia muito criativa que surgiu do momento. Os outros membros escutavam com atenção, reagindo com espanto quando identificavam suas falas no texto e às vezes rindo, outras

ficando com os olhos úmidos e vermelhos. Ao fim do texto, comentaram que havia ficado muito bonito e que se sentiram valorizados e emocionados. Pediram cópia para eles, que eu já havia preparado.

4.1.10.3 - Eu no processo:

Fiquei muito surpresa com o desenvolvimento deste encontro que chamei de devolutiva, e emocionada por perceber concretamente que contribuí com algo novo e que fez sentido para eles. Assim como eles, também me senti muito grata pela oportunidade e confiança de me deixarem fazer parte de algumas de suas descobertas e talvez conquistas.

4.2-Análise das Autodescrições

4.2.1 - VILMAR

A primeira fala mostra alguém mais rígido, menos espontâneo, focando o certo e o errado dos modos de ser: "Eu sou o tipo de pessoa que sempre pensa nas consequências dos meus atos... mas gosto de ser diferente".

Na segunda vez inicia bem diferente, relativiza, mostrando mais espontaneidade: "Eu levo a vida na brincadeira, porém sempre levo as pessoas a sério... acho que sou um pouco diferente".

Nota-se que na primeira frase ele diz "gosto de ser diferente", afirmando que é. Já na segunda fala diz "acho que sou diferente", sem tantas certezas.

4.2.2 - VICTÓRIA

Mantém a característica descritiva de agir e não pensar nas duas falas: ("a" corresponde à primeira descrição e "b" à segunda)

- a) "... falo antes e penso depois";
- b) "... agir sem pensar muito".

Mas relativiza a forma de colocar o seu modo de ser:

- a) "..Não me importa o que pensam ou falam de mim";
- b) "... eu tenho o meu jeito de pensar as coisas...".

Diz que não se importa com os outros na primeira fala, mas demonstra lembrar desses outros que fala, e do quanto depende dos mesmos como referência para uma postura radical. Na segunda fala se coloca apenas de forma mais relativa e não se opoendo a ninguém.

Coloca-se no processo como alguém que se opõe, talvez, a uma força que sente como maior que ela, daí a necessidade de usar tanta força na oposição. Ao fim do processo, vejo-a capaz de algumas colocações mais tranquilas e seguras.

4.2.3 - NAYARA

As diferenças entre o primeiro e o segundo discurso são pequenas no que se refere ao conteúdo:

- a) "... tento ser legal com todos... obedeco meus responsáveis... sou feliz o tempo todo... penso no que é bom pra mim, tipo estudar muito...";
- b) "... eu tento agir da melhor forma possível...".

Mas percebi mudanças no tamanho do texto, pois o primeiro ela "se explica" mais, justifica-se muito e no segundo também o faz, porém, de forma mais curta, o que sugere, talvez, um pouco mais de segurança em se descrever sem precisar tanto da aprovação do outro.

Além disso, pediu régua para fazer linhas durante o processo, e na primeira resposta escreve sobre elas. Já no segundo momento não usou régua, permitiu-se ser mais flexível, sugerindo mais segurança quanto a não estar dentro de um padrão, seguindo com seu pensamento.

4.2.4 - CLEITON

Este rapaz respondeu às duas fases de forma esquematizada e objetiva, porém suas colocações mostram um maior grau de autoconhecimento na segunda fase:

- a) "Eu sou meio ansioso" e "Penso normal";
- b) "Eu sou bastante ansioso" e "Eu penso bastante antes de agir e falar".

As primeiras expressões sugerem um receio de falar de si e uma preocupação em "controlar" as palavras, para parecer dentro de um padrão que, talvez, imaginasse que eu estivesse esperando... Num segundo momento, o "bastante ansioso" e o "penso bastante" parecem mostrar uma situação de estar mais à vontade e/ou mais seguro em dizer um pouco mais do que realmente pensa sobre si mesmo, o que pode demonstrar seu amadurecimento durante o processo.

4.2.5 - BELINHA

Tem basicamente o mesmo discurso nas duas fases e o mesmo conteúdo e densidade; porém uma de suas colocações na segunda fase, em relação à primeira fase, em que não colocou abertamente algo de si tão intenso e como se coloca nas duas fases como sendo uma pessoa fechada, me fazem pensar o fato de ter aumentado em algum grau sua autoconfiança para que pudesse se expor:

a) "Sou o tipo de pessoa que até gosta de conversar, mas de vez em quando prefiro ficar no meu canto...";

b) "O meu modo de agir as vezes é por impulso, quase sempre tento pensar mas acaba acontecendo..."

4.2.6 - GABRIELA

Percebo muita diferença na escrita das duas fases. A primeira, além de ser muito grande, ocupando toda uma folha, sugere mais um desabafo do que uma autodescrição, mas cita exemplos para se descrever. Na segunda, consegue descrever a si mesma, falando de forma sucinta e mais clara, apesar de não ter completado a metade de uma folha.

Outro fato observado é que o primeiro texto tem linhas feitas com a régua e o segundo, tão legível quanto, não utilizou este recurso, sugerindo maior segurança em se descrever sem se preocupar em estar reta, ou correta, talvez.

4.2.7 - JORGE

Percebo que na primeira fase se coloca como sendo alguém que se enxerga de forma negativa e desvalorizada: "Meu jeito é meio ogro... eu sou diferente de todos..."

Na segunda fase se descreve em palavras esquematizadas e não como um texto da primeira fase; fala mais de si. Além disso, coloca algumas falas que mostram seu aprendizado no grupo e outras que podem demonstrar maior autovalorização e, portanto, mais autoconfiança e amadurecimento: "... Me sinto feliz... o lado bom nós que fazemos".

4.2.8 - WILSON

Um texto bem diferente do outro na primeira e na segunda fase.

Na primeira se coloca aparentemente para me agradar e parecendo querer corresponder às expectativas que imagina que devo ter dele: "... eu sou bem humorado... procuro sempre amar as pessoas e não sentir raiva de ninguém... respeito todos e tudo..."

Na segunda fase se descreve dizendo ter sofrido mudanças, bem diferenciado da primeira fase, foca no processo e parece mostrar que está passando por mudanças: "É isso que eu faço, a 'peneira do pensamento'; eu penso, ajo e sinto as consequências".

A autonomia traz a consciência das implicações, ou seja, saber que o que faço tem consequências.

4.2.9 - ELIANA

Poucas diferenças entre primeira e segunda fase, mas duas significativas: é mais clara em se descrever na segunda fase e está mais confiante também.

a) "Não gosto de julgar as pessoas porque não gosto de ser julgada" (baseia suas ações na atitudes do outro);

b) "Não julgo as pessoas porque outros julgam, tenho minhas próprias conclusão".

Na primeira fase mostra uma preocupação consigo mesma. Na segunda fase fala de si, parece depender menos do outro para agir e enfatiza o que valoriza em si. Devido a esta relação mais clara consigo mesma, sugere certo grau de amadurecimento.

Quatro integrantes não foram analisados por não terem comparecido à primeira ou segunda fase, não sendo possível a comparação de dados; porém são analisados em outras atividades durante o processo.

4.3 - Discussão

Avaliar os efeitos de uma intervenção deste tipo é algo complexo, na medida em que o pesquisador esteve envolvido no processo, sendo um de seus participantes.

Não é possível indicar quais os desdobramentos, a médio e longo prazo, que esta intervenção teria produzido na vida desses jovens, mas percebi mudanças nos discursos e no posicionamento dos membros e do grupo. O crescente interesse que o grupo demonstrou em realizar as tarefas sugere que o trabalho fez sentido para o grupo como um todo. Além disso, os participantes ampliaram nossos encontros, chegando cedo, sendo assíduos, muitas vezes até mesmo não parando as atividades na hora do lanche por vontade própria, apesar de sugerido que parassem, e estendendo o horário de término programado.

De todo processo, detectei quatro temas que me parecem centrais, de modo que achei que seria interessante realizar esta discussão final com base nos mesmos.

4.3.1 - POSIÇÃO DO FACILITADOR

A posição do facilitador no processo não foi algo que veio pronto, mas construído durante os encontros. Também não foi uma posição simples de se situar e manter, nem de saber quando se estava favorecendo a autonomia e quando se estava direcionando o grupo. É claro que eu tinha a intenção de que se tornassem mais autônomos, mas eu não poderia propor um programa para ensinar autonomia e dizer o que deveriam fazer para serem autônomos, pois estaria submetendo o grupo à minha vontade, e então não estaria favorecendo essa autonomia. Também não poderia deixar tudo por conta deles, pois, por vezes, pareciam necessitar de ajuda para seguir seu próprio caminho. Então qual a medida? A medida foi construída no processo, dependendo da resposta do grupo em relação à autonomia. Não foi fácil, também, devido ao modelo de referência que tive no meu processo de crescimento que também era o do professor tradicional, o de ditar regras, de dirigir e passar conhecimento. Fui percebendo que eu me cobrava um papel pré-estabelecido e sobre isso cito uma frase de Freire (1996, p.49) que me encorajou: “É cansativo, por si, viver na humildade, condição 'sine qua' do pensar certo, que nos faz proclamar o nosso próprio equívoco, que nos faz reconhecer e anunciar a superação que sofremos”.

Meu papel não deveria ser o de ensinar, mas como seria o de facilitar? Fui me dando conta de como seria na vivência do processo quando ao questionar o grupo em suas posições rígidas e ia percebendo que buscavam outras ideias e construções de pensamento, e percebendo que tinham potenciais a serem estimulados. Penso no que Winnicott afirma quanto à capacidade do adolescente de encontrar suas próprias resoluções para seus conflitos e que não se deve tentar curá-los, já que não estão doentes (WINNICOTT, 1999). Assim, procurei ajudar a refletirem e ofereci um espaço para que essas reflexões fossem possíveis, tornando o ambiente satisfatório e facilitador do amadurecimento.

Assim como fui construindo o papel de facilitador o grupo também foi mudando a ideia prévia de que eu seria uma professora durante os encontros. Alguém revelou que eu não passei informação e então o grupo se percebeu confuso. Eu digo revelou, pois me pareceu que queriam acreditar que eu seria professora para não lidar com a angústia de perceber que eu não era, e que não saberiam com certeza de início, como definir-me. Alguém também observou que eu não “usava de agressividade” e isso foi importante e unânime para diferenciar-me de professor. Mostraram a escola como um lugar inseguro e agressor no qual não podem confiar e que, portanto, dificultaria seu amadurecimento. Chegaram a supor que eu

seria uma autoridade disfarçada, pois estaria sendo "mais boazinha", mas ainda assim numa relação vertical. Sentiram-se desconfiados de início, quando propus uma relação horizontal, e também com receio de ficarem sem norte, sem direção, e, talvez, confusos comigo, pensando que me colocaria como alguém igual a eles. Winnicott (1999) mostra que a busca da autonomia é marcada por conflitos e que poder vivê-los como parte do amadurecimento indica autonomia. Alguns membros tentaram tumultuar o espaço testando essa nova postura, momentos em que tive que intervir com limites. Percebi que quando sentiram a possibilidade de uma maior liberdade de expressão, sentiram também alguma insegurança. Acredito que a desordem momentânea de alguns membros tenha o sentido que Winnicott (2011) aponta sobre os jovens testarem os adultos na busca de se sentirem ainda seguros de não estarem sozinhos, de poder contar com ele caso precisem, já que seus impulsos são sentidos como muito intensos. Os adultos seriam alvos dos conflitos dos adolescentes e por isso são amados e odiados ao mesmo tempo.

4.3.2 - AMBIENTE

O grupo revelou, durante o processo, as referências que adquiriram em suas relações neste ambiente: na família, na escola, no bairro, na igreja e o próprio CRAS que são meios de transmissão de valores culturais, e nos quais predominam as relações verticais que não estimulam o questionamento e a crítica. Mostraram utilizar, a maior parte do tempo, referências heterônomas, nos termos de Piaget (apud MENIN, 1996), modelos tradicionais de relação, ou mesmo autoritárias, vendo-se como aprendizes passivos, que não exercitam seu próprio modo de pensar e ser. Mostraram isso também, durante os encontros em sua relação comigo, com a família, com a polícia, com a escola e também no CRAS. Os adolescentes participantes provêm de famílias que sofrem exclusão social de alguma ordem e estão no serviço de fortalecimento de vínculos do CRAS, sendo cotidiano para eles talvez a forma autoritária de relação. Pensando que o autoritarismo não favorece a autonomia pela razão óbvia que submete a vontade e escolha do outro, pareceu que esses jovens se apresentaram naquele espaço de forma dependente na relação comigo, ao menos de início. A democracia, diz Winnicott (2011) faz parte de um ambiente saudável e proporciona ao jovem o exercício da autonomia e consequentemente o desenvolvimento saudável. Na medida em que iam confiando naquele espaço puderam ir se colocando e expondo críticas do quanto os ambientes sociais não lhes permitiam ser autônomos, impondo padrões rígidos para seu modo de expressão e maneiras de ser e de escolher, e, portanto, submetendo-os. Apresentaram o

ambiente em que vivem como lugar falho em oferecer modelos de boas referências e a sociedade como um lugar de violência e preconceito contra os jovens. Mostraram que seu meio é então um lugar difícil para amadurecer, o que faz oposição ao “ambiente facilitador” com seus “ajustes adaptativos às necessidades individuais” de que fala Winnicott (WINNICOTT, 1999, p.5).

4.3.3 - DROGAS E DEPENDÊNCIA

Este tema provocou muita reflexão por parte dos adolescentes, que apontaram contradições nas abordagens do assunto no seu meio social. Surgiram questões como: o porquê de algumas drogas serem lícitas enquanto outras são ilícitas se todas são drogas; por que de haver países que legalizaram o uso de algumas drogas enquanto que outros não o fazem, por que da existência no passado de propagandas para o cigarro e bebida, que hoje são proibidas. Contaram que há adultos que fornecem bebidas para crianças, incluindo suas próprias famílias, vizinhos e conhecidos. No início dos encontros colocavam a droga como fator principal, a grande vilã da dependência, e os amigos, a família e a sociedade como influências para que o jovem usasse as drogas, excluindo possibilidades da escolha individual. Questionei esta posição e falei sobre o uso recreativo, mas percebi que não conseguiam, de início, admitir possibilidades mais relativas do uso. Uso e vício equivaliam para o grupo no início, mas no decorrer do processo foram podendo pensar em outros modelos e em si também, em usos que fizeram de remédios, fumo e álcool de forma esporádica, sem depender. Também puderam pensar em momentos que experimentaram a dependência, porém, de outros objetos, como, por exemplo, internet e comida, e o quanto necessitaram dos pais ou da igreja para ajudar no controle, aparentando ainda necessitar de controle externo.

Após a ideia da droga como vilã, e da ideia pré-determinada de que influências sociais são causas do uso, surgiu o discurso do controle dos desejos focando o autocontrole e o mundo interno, quando percebi a evolução das discussões e amadurecimento do grupo no processo. A este respeito, Winnicott (2011) escreve que o autocontrole é aspecto que se desenvolve a partir da segurança adquirida no ambiente satisfatório, principalmente nas relações familiares dos primeiros anos de vida. Mostraram-se inseguros quanto à sua capacidade de controle dos desejos, mencionando a sexualidade e se questionando se eram capazes de se controlar e se responsabilizar pelos seus desejos. Questionaram sua própria maturidade sexual, valores sociais e religiosos, violência e também a posição de dependência

em que se colocavam. Winnicott (1999 p.9) afirma que o jovem está buscando "cavalgar os instintos sem ser esmigalhado por eles".

No decorrer dos encontros foram transitando de uma postura passiva e dependente para uma postura mais autônoma o que nos leva ao quarto tema.

4.3.4 - AUTONOMIA

Lembrando a teoria de Winnicott (2011) que a autonomia desenvolve-se da dependência, desde que o ambiente proporcione condições satisfatórias para isso, procurei me colocar de forma horizontal, como autoridade, mas não de forma autoritária, o que possivelmente favoreceu uma mudança gradual de postura do grupo, que, ao final, se apresentou mais participativo e autônomo, mostrando, por exemplo, utilizar menos recursos como régua e borracha, falar mais o que pensavam em sua própria linguagem de gírias (já não uma cópia de frases adultas), não se mostrar mais tão inseguros em serem aceitos. Também percebi essa mudança no que se refere à definição de autonomia e dependência, que no início apresentavam com exemplos extremos, utilizando imagens de poder e dinheiro, como o presidente dos Estados Unidos para ilustrar que o independente não necessita de ninguém, em contrapartida com o bebê, dependente, que precisa totalmente de alguém.

No decorrer do trabalho foram relativizando o conceito de dependência e autonomia passando do foco material para o emocional passando da independência e da dependência, como polaridades extremas, sem relação alguma entre elas, para pensar em novas possibilidades, dizendo que os conceitos variavam de acordo com momentos de vida do indivíduo, não se podendo enquadrar alguém em apenas um dos posicionamentos e que, de acordo com o tempo as pessoas poderiam se tornar mais autônomas. Segundo Freire (1996, p.29) "[...] uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas", apontando-nos que um dos caminhos para o amadurecimento é duvidar de nossas razões. Foram se percebendo, durante o processo, dependentes no aspecto financeiro, mas nem tanto quanto a preferências pessoais, embora a mídia traga interferências. Alguns integrantes se apresentaram com diferenças muito visíveis do início para o fim do processo: uns que falavam pouco, falaram mais, e, outros que falavam muito, falaram menos, respeitando a vez dos colegas. Percebi maior autonomia também quando, ao fim do processo, precisei intervir e dirigir menos, pois caminharam mais sozinhos. Para Winnicott (2005), a capacidade para o envolvimento e a convivência grupal também são sinais de maturidade, e na adolescência essa capacidade é significativa para o exercício da autonomia.

Ao trazer conteúdos prontos, ideias pré-estabelecidas e serem questionados por eles mesmos e por mim, foram percebendo que não dispunham de argumentos próprios para manter aquela opinião. Assim, puderam escutar e ser ouvidos, e se perceber neste encontro, desconstruindo e construindo ideias.

Percebi que falavam mais gírias ao final do processo, como se pudessem falar da sua própria maneira o que pensavam, e suas construções pareciam diferentes dos primeiros encontros em que as falas pareciam de adulto, prontas. Pareciam estar sendo mais autênticos e menos enrijecidos. Isso faz pensar nas ideias de Winnicott (1983) sobre o *self*. Falar em primeira pessoa se refere a amadurecer rumo a um *self* mais verdadeiro. Para Winnicott (1983), em todos os estágios da vida estamos atualizando conflitos dos primeiros anos de vida e trazemos conosco a tendência inata de integração e à saúde. A provisão ambiental inicial é extremamente necessária a esse desenvolvimento para ir se tornando menos necessária na infância e assim sucessivamente até a adolescência e vida adulta. Foi muito interessante observar que, ao final do processo, começaram a discursar sobre possibilidades de promoção de saúde com sugestões de melhorias e mudanças sociais vindas do desejo de melhores possibilidades de escolhas, mostrando que possuem também vontade para superar os obstáculos: “[...] se oferecessem mais projetos igual aquele do Curumim, é da hora esse projeto, tem nas escolas, prá criança não ficar na rua, ta ligad? Todos teriam mais coisas boas pra escolher...”, “Psora, é tipo assim, o lado ruim a gente já sabe como é, o que a gente pode ter, agora, o lado bom não, a gente não sabe...”, “Tem que se interessar em saber... levanta do sofá e vai... é difícil, mas tem.”, “É o ambiente que você vive que pode te formar, mas você pode mudar isso”, “Tipo eu, na minha casa, eu tenho o exemplo da minha mãe, que usa drogas, e eu não quero”. Houve a criatividade de pensar soluções, aos seus conflitos, diferentes daquelas que conheciam.

Quando produziram a peça de teatro, que foi sugerida e escrita por eles mesmos, pude perceber o quanto tiveram desejo de experimentar a autonomia. O texto que escreveram para encenar mostra o quanto que, apesar das adversidades na família e no ambiente em que se vive, pode-se também fazer escolhas para crescer, para a autonomia, e o quanto desejam ser aceitos socialmente. Sobre isso, Winnicott (1983) escreve que a maturidade, quase sinônimo de saúde, está também relacionada à capacidade de socialização. Na leitura da produção do texto destes jovens, eles revelam seu desejo de poder fazer parte deste contexto, quando o protagonista, com todas as dificuldades sociais, se esforça para conseguir uma vaga na escola e se formar. Penso que talvez tenha sido criado um ambiente satisfatório que

permitiu o processo de experimentação da autonomia, sendo possível que também vivenciassem sua criatividade. Segundo Winnicott (1983), é possível quando o indivíduo sente que vale a pena viver, e esse viver criativo pode ser tanto para a vida, a resolução de conflitos ou para as atividades culturais. Apropriaram-se do que produziram na devolutiva dos encontros e puderam mostrar que experimentaram, realmente, ser um pouco mais autônomos naquele grupo. Mostraram que podiam amadurecer desde que lhes fosse permitido e dentro de condições favoráveis a isso. Winnicott (1983) escreve que o indivíduo e a sociedade estão interligados e que, para que ele chegue à maturidade, é necessário que o ambiente também expresse maturidade, favorecendo e facilitando o desenvolvimento desse indivíduo.

O impulso criativo e a espontaneidade são necessários, mas a qualquer pessoa que realiza qualquer coisa em seu viver. A experiência cultural, que é esse viver criativo, por tradição herdada, é uma ampliação das ideias dos fenômenos transicionais para Winnicott (1975), e tanto esta como o brincar acontecem no espaço potencial que existe entre objeto subjetivo e objeto externo e acontece apenas relacionado a um sentimento de confiança entre mãe e elementos ambientais. Acredito que dentro desses conceitos foi possível perceber que se pode favorecer um espaço potencial para a criatividade e produção cultural de um grupo como este.

Não foram encontros sem regras, sem horários, e sem nenhum direcionamento, mas o trabalho parece ter colaborado no exercício de uma maior autonomia favorecendo a tomada de consciência a respeito do tema e promovido em algum grau a reflexão com maior apropriação das ideias do grupo. Os pedidos sobre continuarmos os encontros e as sugestões de abordarmos outros assuntos também mostraram o quanto necessitavam de um lugar onde pudessem se colocar e sentir-se aceitos, onde pudessem construir ideias, ter seu próprio discurso, e não apenas obedecerem a regras e aceitarem ensinamentos de forma vertical, sem que estes lhes fossem significativos. Aparentemente, este espaço foi um facilitador do processo de autonomia no sentido em que ofereceu condições para que ela fosse experimentada pelo grupo.

Uma maior autonomia, de escolhas com menor dependência do ambiente e de pessoas, se refere à maior maturidade, assim como mostra Winnicott (2011), que relaciona a saúde de um indivíduo à autonomia cuja capacidade relativa à sua idade. Então, pensando na questão das drogas, o indivíduo ser mais dependente seria estar num campo mais vulnerável para se relacionar com qualquer coisa. Desse modo, a autonomia nas relações com o ambiente parece favorecer melhores escolhas. Winnicott (2011) coloca que na adolescência a

autonomia é maior que em faixas etárias anteriores e é indicativa de saúde e amadurecimento e, portanto, podemos facilitar a autonomia dos jovens.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de todo o processo concluído e da análise dos temas mais abordados nos encontros, percebendo que os adolescentes deste grupo se apropriaram de seus discursos mostrando a vontade de serem sujeitos de suas ações e decisões, vejo que é possível um trabalho nesse sentido em outras instituições sociais que lidam com adolescentes e talvez mesmo na escola. Penso que até mesmo um trabalho, mais duradouro e contínuo possa, como mostrou este trabalho, facilitar a tomada de consciência do processo da adolescência e ajudar na construção da autonomia.

A autonomia é necessária no controle de nossas vidas e é um sinal da maturidade; se os adolescentes puderem desenvolver e exercer mais sua autonomia socialmente, tornando-se mais maduros de acordo com as possibilidades de sua idade, se puderem se relacionar com o mundo de forma mais assertiva e mais apropriados de si mesmos estarão mais atentos ao fazer escolhas e responsabilizar-se por suas consequências. Iniciando um percurso que considerem e sintam não estar contribuindo no seu bem estar, poderão escolher novamente e seguir outro caminho. Portanto vejo que, jovens mais maduros e, portanto, mais autônomos, têm menor probabilidade de estabelecer relações de dependência, seja ela com pessoas ou coisas e principalmente, que é o que me interessou nesta pesquisa, com as drogas.

Ao final do trabalho, a ideia de conflito no título foi questionada devido aos resultados indicarem que autonomia e dependência não são necessariamente excludentes, não caracterizando um conflito, mas sim uma relação. Portanto, se hoje iniciasse novamente este trabalho o título poderia se chamar "A dinâmica autonomia-dependência na adolescência e a questão das drogas: intervenção em um grupo de adolescentes do CRAS".

6 - REFERÊNCIAS

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Perfil Municipal: Guarujá, SP. 2013. Disponível em < http://atlasbrasil.org.br/2013/perfil/guaruja_sp>. Acesso em 03 nov. 2013.

BARBOSA, P.V., WAGNER, A. A autonomia na adolescência: revisando conceitos, modelos e variáveis. **Estudos de Psicologia** (Natal). 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2013000400013&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em 05 jan. 2014.

BAUS, J. et al. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. Rev. **Saúde Pública**, São Paulo , v. 36, n. 1, fev. 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-989102002000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 ago. 2013.

BERTOL, C.E, SOUZA, M. Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 30, n. 4, Dec. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 jan. 2014.

BRASIL. Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009a.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. PROJovem ADOLESCENTE : Serviço Socioeducativo. Traçado Metodológico. 1ª Edição. Brasília, 2009b, 104p. Disponível em < <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/sou-gestor-de-assistencia-social/projovem-adolescente/cadernos-projovem-adolescente/Tracado%20Metodologico.pdf>>. Acesso em 21 nov. 2012.

_____. Lei nº 11.705, de 19 de junho de 2008. Altera a Lei no 9.503, de 23 de setembro de 1997, que ‘institui o Código de Trânsito Brasileiro’, e a Lei no 9.294, de 15 de julho de 1996, que dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do § 4º do art. 220 da Constituição Federal, para inibir o consumo de bebida alcoólica por condutor de veículo automotor, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 jun. 2008. p.01.

_____. Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996. Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do § 4º do art. 220 da Constituição Federal. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 1996. p.18.

_____. Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 out. 1976.

BÜCHELE, F., COELHO, E. B. S., LINDNER, S. R. A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso das drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(1):267-273, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100033&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 nov. 2013.

BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 323p.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. 81p.

CANOLETTI, B., SOARES, C.B. Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 9, n. 16, fev. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 jul. 2013.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista portuguesa de educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003. Disponível em <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1350495029.pdf>. Acesso em 19 set. 2014.

CID-MONCKTON, P. e PEDRAO, L.J. Factores familiares protectores y de riesgo relacionados al consumo de drogas en adolescentes. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. spe, jun. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000700011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 out. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000700011>.

CONTRAN. Resolução nº423, de 23 de janeiro de 2013. Dispõe sobre os procedimentos a serem adotados pelas autoridades de trânsito e seus agentes na fiscalização do consumo de álcool ou de outra substância psicoativa que determine dependência, para aplicação do disposto nos arts. 165, 276, 277 e 306 da Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997 - Código de Trânsito Brasileiro (CTB). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 jan. 2013.

COUTINHO, L.G; ROCHA, A.P.R. Grupos de Reflexão com adolescentes: elementos para uma escuta psicanalítica na escola. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v.19, n.2, dez. 2007. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 nov. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000200006>.

CRP SP. Conselho Regional de Psicologia - SP. CRP SP integra nova gestão do Conselho Municipal de Políticas Públicas de Drogas e Álcool de São Paulo. Publicado em 11 fev. 2014. Disponível em < http://www.crsp.org.br/portal/midia/fiquedeolho_ver.aspx?id=724>. Acesso em 20 fev. 2014.

CRP. Conselho Federal de Psicologia. Congresso Internacional sobre Drogas reuniu mais de 700 pessoas em Brasília. Publicado em 07 mai. 2013. Disponível em <http://www.crp.org.br/portal/midia/fiquedeolho_ver.aspx?id=608>. Acesso em 12 fev. 2014.

CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. *In: Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. P.39-53.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAZZINELLI, M.F. et al . Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 21, n.1, fev. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000100022&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 jul. 2013.

HOUAISS, A., VILLAR, M.S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

KINOSHITA, R.T. Contratualidade e Reabilitação. In: PITTA, Ana (org.). **Reabilitação Psicossocial no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, p. 55-59. 1996.

LA TAILLE, Y. O lugar da interação social na concepção de Piaget. In: LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M.K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

LENHARO, M. Consumo de energéticos dispara no país. 21 de janeiro de 2012. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/jt-cidades/consumo-de-energeticos-dispara-no-pais/>>. Acesso em 19 ago. 2013.

MENIN, M. S. S. Desenvolvimento Moral: Refletindo com pais e professores. In: MACEDO, L. (org.). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996. p. 37-104.

NEVES, V.F.A. Pesquisa-ação e Etnografia: caminhos cruzados. **Pesquisas e práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, V.1, n.1, Jun. 2006. 17p. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalapip/Pesquisa-Acao_e_Etnografia..._-_VFA_Neves.pdf>. Acesso em 28 set. 2012.

ORTEGA, F. et al . A ritalina no Brasil: produções, discursos e práticas. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 14, n. 34, Set. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2013.

OTTAWA. Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. 1986. Disponível em <http://www.mpba.mp.br/atuacao/cidadania/gesau/legislacao/internacionais/carta_ottawa.pdf>. Acesso em 07 dez. 2013.

PELEGRINI, M.R.F. O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. **Psicol. cienc. prof.** Brasília , v. 23, n. 1, Mar. 2003 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 ago. 2013.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Tradução Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

PINSKY, R. A dor das drogas na família, em números. A Tribuna. Santos, p. A-6, 04 dez. 2013.

PRIBERAM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2013. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em 02 ago. 2014.

QUEIROZ, S.S., RONCHI, J.P., TOKUMARU, R.S. Constituição das regras e o desenvolvimento moral na teoria de piaget: uma reflexão Kantiana. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 22, núm. 1, 2009, pp. 69-75. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815253009>>. Acesso em 05 jan. 2014.

RIBEIRO, T.W., PERGHER, N.K. e TOROSSIAN, S.D. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1998. p. 421-430. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jan. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000300003>.

SALLES, L. M. F. **Adolescência, escola e cotidiano**: contradições entre o genérico e o particular. Piracicaba: Unimep, 1998.

SANCHEZ, Z. M. *et al.* O papel da informação como medida preventiva ao uso de drogas entre jovens em situação de risco. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2011, vol.16, suppl.1, pp. 1257-1266.

SÃO PAULO (Estado). Governo sanciona nova lei sobre consumo de bebidas alcoólicas por menores. <http://www.saopaulo.sp.gov.br>, 2010. Disponível em <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=216503>>. Acesso em 20 out. 2012.

SÃO PAULO (Estado). Lei Estadual nº14.592/2011. Proíbe vender, ofertar, fornecer, entregar e permitir o consumo de bebida alcoólica, ainda que gratuitamente, aos menores de 18 (dezoito) anos de idade, e dá providências correlatas. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, 20/10/2011, p. 1. Disponível em <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2011/lei%20n.14.592,%20de%2019.10.2011.htm>>. Acesso em 20 nov. 2012.

SEGRE, M., SILVA, F.L., SCHRAMM, F.R. O contexto histórico, semântico e filosófico do princípio da autonomia. **Revista Bioética**, Vol. 6, No 1, 1998.

SINPSI. Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo. Polícia de Alckmin atua com violência na "cracolândia" prejudicando ação social da prefeitura. Publicado em 23 jan.2014. Disponível em < <http://www.sinpsi.org/noticias.php?id=3146>>. Acesso em 02 fev. 2014.

SOARES, C.B., JACOBI, P.R. Adolescentes, drogas e AIDS: avaliação de um programa de prevenção escolar. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , n. 109, mar. 2000 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 set. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742000000100010>.

SUDBRACK, M.F.O, CESTARI, D.M. O modelo sistêmico e da educação para a saúde na prevenção da drogadição no contexto da escola: proposta de Projeto Piloto SENAD/MEC e UNB. In: Simpósio Internacional do Adolescente II. 2005. São Paulo.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

WINNICOTT, D.W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4ªed. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, D.W. **Privação e delinquência**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D.W. **Tudo Começa em Casa**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D.W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre, Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro, Imago,1975.

APÊNDICE I – ROTEIRO DO GRUPO DE REFLEXÃO

Grupo com frequência semanal com duração de uma hora e meia totalizando 10 (dez) encontros e máximo de 25(vinte e cinco) adolescentes entre 15 e 17 anos.

- 1º Encontro:
 - o Apresentação da pesquisa, visando refletir sobre temas da adolescência, saber o que pensam sobre ser dependente, ser autônomo, usar drogas na adolescência;
 - o Esclarecer sobre as atividades a serem realizadas, duração dos encontros, etc.;
 - o Dinâmica de Apresentação.
 - o Aplicação de uma questão para comparação e avaliação ao final do processo : "Como você descreve seus modos de agir, sentir e pensar"
- 2º Encontro:
 - o Propor três grupos para realizar confecção de um painel para cada grupo com figuras, desenhos ou colagens com o tema DEPENDENCIA-AUTONOMIA, sendo que, dividindo o cartaz ao meio cada palavra ficará de um lado;
- 3º Encontro:
 - o Discussão sobre os painéis. Relação entre o que foi expresso e a realidade deles próprios. Estão conscientes do seu conflito? Quando são dependentes, até onde se veem autônomos?
- 4º Encontro:
 - o Dinâmica sobre o tema DEPENDÊNCIA-AUTONOMIA (vivenciar e refletir sobre a questão).
- 5º Encontro:
 - o Produção de uma frase escrita com o tema Adolescência e Drogas (anônima);
 - o Misturar numa caixa. Escolher aleatoriamente as frases para reflexão sobre cada uma.
- 6º Encontro:
 - o Apresentação do filme "O diário de um adolescente".(Ou filme que preferam sobre o tema)
- 7º Encontro:
 - o Discussão sobre o filme. Quando se identificaram com o personagem? Quando se diferenciaram do personagem? Quando acham que o personagem foi autônomo ou revelou ser mais dependente?
- 8º Encontro:
 - o Apresentação de uma propaganda de cerveja. Quando se identificaram com os personagens? Quando se diferenciaram dos personagens? O que pensam sobre as drogas lícitas?
- 9º Encontro:
 - o Devolutivas do processo.
 - o O que se percebeu no grupo frente aos temas.
- 10º Encontro:
 - o Produção de um rap ou um funk expressando o que os encontros trouxeram para eles em termos de reflexão. Quais os pontos positivos e negativos do

processo. (O grupo poderá escolher outra maneira de se expor sua opinião se assim quiser)

- o Aplicação da questão do primeiro encontro para comparação e avaliação:
"Como você descreve seus modos de agir, sentir e pensar"

APÊNDICE II - DEVOLUTIVA AO GRUPO DE ADOLESCENTES

Uma poesia baseada em frases dos próprios adolescentes ao longo da pesquisa.

Tem um modo diferente
de interagir com os jovens
E de uma forma engraçada.
Só que a gente, hoje em dia,
usa facebook
É mais por internet.

Tô confuso, professora.
"Entrar na mente" é aluguim,
mas "papocabeça" é algo que é bom,
que te anima... seilá,

Eu não acho, não sou assim,
só falo muito no telefone
E se a moda for trabalhar
É da pessoa, ela vai se ela quer

Tem um menino na minha sala,
que o professor perguntou,
o que ele queria ser,
e ele falou : traficante, Patrão!
Tem Gente que fala que quer matar
polícia...

Falam que a droga dá uma sensação de
leveza,
que é boa prarelaxar
e o cara que é mente fraca,
vaiquerer(experimentar).

Então não é a moda?
Não é, é a pessoa, ela vai se ela quer.

Vou porque... não vou mais...
... mas, posso dizer...,
quese um dia eu tiver vontade,
eu não vou fazer..., né ?

Vou no baile mas não faço o que eles fazem.
Eu não né, só quem é mente fraca...
Os eletrônicos é parecido...
Eu não gosto do funk de agora,

só gosto do antigo.

Eu não, não precisomudar,
pra agradar ninguém,
Tem quem gosta e quem não gosta,
da gente sempre (tem alguém).

Se ficar ouvindo muito você fica igual,
a música invade a mente da pessoa.
Eu não né, só quem ...
é mente fraca...Concorda?
Ser alguém na vida,
depende da cabeça da pessoa.

Eu gostei desse cara porquê
hoje em dia tá na moda beber e fumar,
e se você já conseguir dizer,
pra gente com quem você anda,
que não quer, "taligad?!?",
já é cabeça... porque a maioria faz isso,
"taligad"?!?

Eu quero falar uma coisa...
Autonomia é independência?
É quem tem dinheiro,
É quem tem emprego,
Que não depende de ninguém.

Se vc usa preto você é Emo, é gay,
se você tem cabelão você é roqueiro...
Tem mina que acha Gay menino que
tocaviolão,
tem que ser funkeiro, se não não tem valor,
ta ligado?

Você pode depender de coisas
Mas não de opiniões, não de escolher coisas
Sou autônoma
Eu faço o que eu quero

Mas tem gente que fica dependente pra vida
toda.

Não, a gente pode depender de sentimentos,
é dependência de sentimentos,
sente falta do carinho da mãe,

Deficientes são dependentes,
a maioria pra vida toda.
Adolescente é mais dependente mesmo,
tem hora pra voltar pra casa.
Eles trabalham, a gente depende dos pais.
Você começa dependente
e vai ficando independente até chegar a ser
adulto.
O bebê não é, não sabe fazer nada.
O Obama é presidente dos Estados Unidos.
é independente, faz o que ele quer.
Presidente depende do voto do povo.

Então, é "não-depender", mas ninguém é
assim.
Chefe é independente.
Se for casado não é,
porque tem que dar satisfação pra mulher,

É momentâneo.
Uma hora você tem sua casa, carro
e depois pode perder tudo, ficar sem nada,
e tem que voltar pra casa da mãe e do pai.

Você pode depender de coisas,
mas não de opiniões, de escolher coisas.
Se ele se esforça e sabe fazer as coisas e
sabe o que quer,
é autônomo...
e se não souber pede pra outro te orientar.
Ninguém é independente totalmente de
todos.
Até o presidente depende do voto da gente.

E o que falar da maioridade?
Com que idade?
Ninguém é 100% independente.
Depender é temporário?
Você começa dependente
e vai ficando independente
quando vai crescendo.

Professora, tem regua para fazer linha?
E lápis pra apagar?
Não é prova, não é escola, não é pra nota?

Você passa informação, mas...
Não parece professora.

Não tem ignorância com a gente,
está disfarçada?
É ajudante de rebeldes sem causa?
Na escola, a gente não pode falar nada,
quem tem razão é o professor.
Eu to procurando um nome,
mas fui ensinada assim,
não consigo chamar de outra coisa,
minha vó me ensinou, "psora".

E a droga? A sensação deve ser boa
os Efeitos colaterais devem ser ruins e
viciantes
tem droga que é usada como coisas
medicinais
mas dá prazer ler um livro também
Tem droga que tem que tomar... aspirina...
Teve época que cigarro era mó moda,
passava comercial e tudo.
De cerveja também.
Alegria, mulheres peladas e "que desce
redondo".

Tem pessoas que bebem e acham que fica
forte
não entendo porque bebida é legalizada.
É que droga o nome já diz: é uma droga.
Pode não ser ruim, mas as pessoas usam de
forma ruim.
É a mente fraca...
tem problemas e usa achando que vai
melhorar.
Se o amigo influencia o outro faz.
Ninguém depende de ninguém pra viver.

Depender de droga não é ser autônomo, né,
psora?
Mente fraca e organismo fraco, os dois.
Tem vício de limpar, vício de comprar,
vício de sexo, de internet e de comida.
Depende da pessoa.
Tem gente que usa e o barato é ruim,
não se sente bem.
E o outro já se sente...

Eu pesquisei no dicionário

eu queria uma conclusão.
Mas a conclusão é que...
não tem conclusão.

Depender do outro é inseguro
se você não confia em quem tá te guiando
alguém com 17 anos pode ter
os mesmos direitos e deveres de um adulto?
Se com 17 anos ficar adulto vai virar uma
bagunça
aprontar, beber, pegar o carro e sair por aí
Eu assumo, eu falo o que quero...
Eu não...

A polícia tem preconceito.
A sociedade tem preconceito.
A polícia hoje sai matando usuário.
Nem é traficante.
A gente tem medo, é muita violência.
Acho que todo mundo passa por isso.

A polícia levou ele pro reformatório
Nos EUA é diferente, nessa idade vai preso
É, lá já são julgados como adultos
Ele fala que dentro da cadeia
é mais fácil conseguir droga que aqui fora

Crime de estupro tem que ter pena de morte
É forçado, a pessoa não quer,
tá errado, mesmo mulher adulta.
Tem cara que estupra menina de 2 a 4 anos,
ele não tem coração
É pedofilia...
queria falar sobre pessoas viciadas em sexo

Minha avó fica falando que essa juventude
é safada
mas ela tem 13 filhos
Minha vó fala que não falava sobre isso
não...
E tinham quinze anos quando casavam, não
é?
Minha irmã de 13 anos disse que casou com
um cara...
Casar hoje é morar junto
Ela engravidou dele.
Antigamente cuidavam realmente dos
filhos,
hoje em dia não

Deixam o filhos na rua, deixam com
qualquer um

Perante a bíblia a gente precisa se
reproduzir
mas é pecado fazer amor
com o namorado é pecado... ta cedendo à
carne...
É sempre foi...
A gula é pecado, a inveja é pecado,
a avareza e a vaidade é pecado...

Hoje em dia é raro virgindade entre
meninos...
mas se encontra meninos que gosta de
estudar.
Tem pessoa certinha e tem pessoa tortinha?
É mais fácil um homem se viciar em sexo
que a mulher...
As mulheres querem um homem bonito,
com condição
e que mora numa residência apropriada.
Se for modelo, vive de beleza...

Quando a mulher tem orgasmo é melhor
que o do homem
Quase nenhum de nós aqui sabe do prazer
das drogas... do sexo sim...

Já fumei cigarro
Já bebi vodka
Já tomei remédio
Bebo cerveja com os amigos no fim de
semana
Fiquei sabendo que sexo controlado faz até
bem pra saúde...
Aí põe o relógio? Olha a saúde! Olha a
Saúde!
Dá pra fazer igual remédio então...
Vai fumando menos maços por dia...

Eu não trabalho na VASP
(Vagabundos anônimos Sustentados pelos
Pais)
Assim só complica...
A intenção é ajudar, mas ta confundindo
Se criar assim mimado,
com 15 anos dando comida na boquinha
fica dependente

Tem que ensinar o cara a fazer, né?
O dependente não pensa muito? Vai na
onda?

Fala de maconha, fala de violência, fala de
ofensa
A sociedade julga a gente
Qual incentivo que eles dão?
A prefeitura, o governo, o sistema
Mas a própria comunidade destrói

Fala sobre drogas e álcool e depois fala pra
não usar?
O PCC, crime organizado, quer mudar a
sociedade
Do jeito que eles aprenderam
É o governo, quem dá as regras, os políticos
Eles às vezes tem até quadrilha

Molecada passa na frente da polícia
fumando
e a polícia não faz nada...
Meu pai me deu bebida pra beber... eu não
gostei
Eu experimentei e cuspi
A minha vizinha dava pro neto dela pra
sarrar febre

Eu posso fazer minhas escolhas
Não quero ser igual à minha mãe
Não quero ser igual ao meu primo
Tudo na vida a gente escolhe
O lado ruim a gente já sabe como é,
o lado bom a gente não sabe.
as coisas estão aí pra gente ver...
É melhor passear no parque...

(Grupo PROJOVEM 2013)

APÊNDICE III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
 CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

PESQUISA:

O CONFLITO AUTONOMIA-DEPENDÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DAS DROGAS: intervenção em grupo de adolescentes do CRAS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Patrícia Vizzuso, responsável pela pesquisa **O CONFLITO AUTONOMIA-DEPENDÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DAS DROGAS: intervenção em grupo de adolescentes do CRAS**, convido seu filho a participar deste estudo.

O objetivo é estudar questões da adolescência como dependência, autonomia e drogas, para promover a saúde.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar de 10 (dez) encontros, um por semana, nos quais serão realizadas atividades como dinâmicas, filmes e outras, para refletirmos sobre as questões da adolescência.

Esta participação será voluntária e seu filho irá nos ajudar a compreender o quanto este tipo de trabalho poderia ajudar os adolescentes a se conhecerem melhor, podendo, assim, fazer escolhas mais autônomas, sendo que estes benefícios serão dirigidos primeiramente a ele.

Não há riscos quanto à participação do adolescente nesta pesquisa. Em qualquer etapa do estudo, vocês terão acesso ao responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O responsável pode ser encontrado no endereço: Rua Oswaldo Aranha, nº800 – Jardim Maravilha, em Vicente de Carvalho, Guarujá/SP – CEP.: 11470-100 ou através do telefone: (13) 3342.7603 das 8h às 12h.

Se vocês tiverem alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1.º andar – Cj. 14, pelos telefone (11) 5571.1062, FAX.: (11) 5539.7162 ou por e-mail, através do cepunifesp@epm.br.

Seu filho poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, se desejar, sem qualquer prejuízo para sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

As informações desta pesquisa serão sigilosas, sendo divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do adolescente.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA

Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

Não haverá despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. O pesquisador afirma seu compromisso de utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa.

Eu, _____, RG n.º _____, CPF n.º _____, ____ anos de idade, após a leitura/escuta deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que a participação do meu filho é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos modos de participação e da garantia de sigilo e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresse minha concordância de espontânea vontade em consentir que meu filho participe deste estudo.

Assinatura do Responsável Legal

____/____/____
Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e esclarecido para a participação neste estudo.

Responsável pela pesquisa:

PATRIZIA VIZZUSO

____/____/____
Data

APÊNDICE IV - TERMO DE ASSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA

Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

PESQUISA:

O CONFLITO AUTONOMIA-DEPENDÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DAS DROGAS: intervenção em grupo de adolescentes do CRAS

Termo de Assentimento

Eu, Patrícia Vizzuso, responsável pela pesquisa **O CONFLITO AUTONOMIA-DEPENDÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DAS DROGAS: intervenção em grupo de adolescentes do CRAS**, convido você a participar deste estudo.

O objetivo é estudar questões da adolescência como dependência, autonomia e drogas, para promover a saúde.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar de 10 (dez) encontros, um por semana, nos quais serão realizadas atividades como dinâmicas, filmes e outras, para refletirmos sobre as questões da adolescência.

Esta participação será voluntária e você irá nos ajudar a compreender o quanto este tipo de trabalho poderia ajudar os adolescentes a se conhecerem melhor, podendo, assim, fazer escolhas mais autônomas, sendo que estes benefícios serão dirigidos primeiramente a você.

Não há riscos quanto à sua participação nesta pesquisa. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O responsável pode ser encontrado no endereço: Rua Oswaldo Aranha, nº800 – Jardim Maravilha, em Vicente de Carvalho, Guarujá/SP – CEP.: 11470-100 ou através do telefone: (13) 3342.7603 das 8h às 12h.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1.º andar – Cj. 14, pelos telefone (11) 5571.1062, FAX.: (11) 5539.7162 ou por e-mail, através do cepunifesp@epm.br.

Você poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, se desejar, sem qualquer prejuízo para sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

As informações desta pesquisa serão sigilosas, sendo divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

Não haverá despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. O pesquisador afirma seu compromisso de utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa.

Eu, _____, RG n.º _____, CPF n.º _____, ____ anos de idade, após a leitura/escuta deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos modos de participação e da garantia de sigilo e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresse minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

 Assinatura do Participante da pesquisa

____/____/____
 Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Assentimento deste sujeito de pesquisa para a participação neste estudo.

Responsável pela pesquisa:

 PATRIZIA VIZZUSO

____/____/____
 Data

ANEXO I - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO PAULO - UNIFESP/
HOSPITAL SÃO PAULO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O conflito Autonomia-Dependência na adolescência e a questão das drogas: intervenção em grupo de adolescentes do CRAS.

Pesquisador: Patrícia Vizzuso

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 12756213.3.0000.5505

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Paulo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 226.649

Data da Relatoria: 05/04/2013

Apresentação do Projeto:

O presente trabalho tem como objetivo avaliar os efeitos de uma intervenção em um grupo de adolescentes em condição de vulnerabilidade que frequentam o CRAS, na cidade de Guarujá, especificamente no Programa PROJOVEM Adolescente, visando à promoção de saúde. Utilizando da pesquisa-ação como método, grupos de reflexão como instrumento, e a psicanálise como referencial teórico, a pesquisa investigará o conflito dependência-autonomia e sua interface com o abuso de drogas e dependência química. Ao fim da intervenção espera-se encontrar maior autoconhecimento dos adolescentes frente ao conflito abordado, favorecendo-lhes decisões mais autônomas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral : Avaliar os efeitos de uma intervenção voltada ao conflito dependência- autonomia em um grupo de adolescentes em situação de vulnerabilidade, visando a promoção de saúde.

Objetivos Específicos: Favorecer um espaço de reflexão sobre o conflito dependência-autonomia na adolescência, identificando possíveis movimentos de tomada de consciência a esse respeito; Identificar a configuração do conflito dependência-autonomia dos adolescentes a respeito da questão das drogas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Sem riscos, nenhum procedimento invasivo

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-061
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5539-7162 **Fax:** (11)5571-1062 **E-mail:** cepunifesp@unifesp.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO PAULO - UNIFESP/
HOSPITAL SÃO PAULO



Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de Pesquisa apresentado à disciplina Seminários de Pesquisa II do Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista - como parte dos requisitos avaliativos. Aluna: Patrícia Vizzuso;
Orientador: Sidnei José Casetto Co-orientadora: Laura Câmara Lima

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentos apresentados (folha de rosto assinada e datada pelo responsável do Departamento de Saúde, Clínica e Instituições da Unifesp - baixada santista)
Apresentada carta de autorização da Prefeitura Municipal do Guarujá para a realização da pesquisa

Recomendações:

Nada consta

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem inadequações

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Parecer do relator acatado pelo colegiado.

SAO PAULO, 22 de Março de 2013

Assinador por:
José Osmar Medina Pestana
(Coordenador)

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-061
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5539-7162 **Fax:** (11)5571-1062 **E-mail:** cepunifesp@unifesp.br

ANEXO II - AUTORIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE GUARUJÁ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
 CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

Santos, 31 de Janeiro de 2013.

À
 Sra. MARIA ANGÉLICA DE ARAÚJO CRUZ
 Diretora de Proteção Básica - SEDESC
 Prefeitura Municipal de Guarujá

Solicito autorização para a realização da pesquisa intitulada "**O CONFLITO AUTONOMIA-DEPENDÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DAS DROGAS: intervenção em grupo de adolescentes do CRAS**". O objetivo geral da pesquisa é avaliar os efeitos de uma intervenção voltada ao conflito dependência-autonomia em um grupo de adolescentes em situação de vulnerabilidade, visando a promoção de saúde.

Esta pesquisa será realizada em 10 (dez) encontros, com o grupo PROJOVEM Adolescente, no CRAS de Vicente de Carvalho, em seu horário de projeto, com duração de uma hora e meia por encontro, nos quais utilizaremos dinâmicas, filmes, e outros recursos para refletir sobre os temas pertinentes dessa faixa etária.

O benefício desta pesquisa para instituição será a melhoria do atendimento psicológico para o adolescente e, conseqüentemente, para o CRAS.

Ao final da pesquisa, os resultados serão apresentados tanto para o equipamento como para o grupo participante, como forma de devolutiva dos resultados, podendo ser utilizado como modelo replicável em outras unidades do município.

Atenciosamente,


PATRÍZIA VIZZUSO

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde
 UNIFESP – Campus Baixada Santista*

Eu, MARIA ANGÉLICA DE ARAÚJO CRUZ, Diretora de Proteção Básica - SEDESC da Prefeitura Municipal de Guarujá, autorizo a realização da referida pesquisa.

Guarujá, 31 de Janeiro de 2013.


 Maria Angélica de Araújo Cruz
 Assistente Social
 CRESS 31 149

Assinatura e Carimbo

ANEXO III - PRODUÇÃO DO GRUPO: TEXTO PARA A PEÇA TEATRAL

mãe pobre: O telefone toca, e é uma diretora de uma escola particular falando que seu filho ganhou uma bolsa pra estudar nessa escola. quando desliga o telefone e a mãe vai toda feliz chamando seu filho e diz - filho, você ganhou a tal bolsa daquela escola.

filho pobre: O que eles falaram?, eu começo quando mãe diz: A você vai começar amanhã, mais vamos na escola assim os papéis.

filho diz: a tudo certo, ao saindo de casa o menino quebra o chinelo, fica numa bossa bráquia, e perde o buzão

chegando na escola com sua mãe vem uns amigos e o escola, amiga diz: Se a escola não colégio público por ter um garoto sem benefícios em uma escola particular a mãe se despede de seu filho o garoto entra pra sala de aula e ver as coisas muito estranho do que ele vive ao acabar as aulas ele vai embora...

chegando em casa ele conversa com sua mãe como seu dia na escola e ali acaba o diálogo com sua mãe, no outro dia indo pra escola ~~na~~ as garotas se perguntando o motivo de ele estar ali. Ao indo embora ele vê o garoto rico sendo recebido e ele vai e ajuda conversa com os magrinhos dizendo que conhece o garoto rico.

J'cena

Vendo que o garoto pobre é confiável o garoto rico
 o leva para sua casa chegando em casa o garoto rico
 pergunta ao garoto pobre o por que que ele o ajudou.
 O garoto pobre responde - não é só porque eu vim da favela
 que eu vou ser uma pessoa má / telefone do garoto rico
~~to~~ toca em alguns amigos o chamando para uma festa
 o garoto rico fala para o cara pobre e aí cara vai ter uma
 festa hoje tá afim? garoto responde - não por to de boa
 aqui já tá indo pra minha casa - garoto rico responde -
 não guarda suas coisas aí te empresto a roupa e a gente vai
 já amanhã dos sair de casa ; chegando na festa o
 entra garoto ~~pobre~~ pobre fala : Nossa só tem gostosa se mano
 o garoto rico responde : Hã. ainda não viu nada vem comigo
 chegando em um lugar mais reservado o garoto rico
 encontra duas amigas ~~uma~~ as apresenta ao garoto pobre
~~uma~~ umas das garotas chama o rico de carito falando - e aí
 to com ~~um~~ um negócio aqui da hora tá afim? - garoto
 rico fala tem balinha e extase - garota ~~responde~~ responde - tem
 rico - ~~me~~ entra me dá dois extase e duas balinhas / depois
 de pegar garoto rico chega perto do garoto pobre e o
 oferece e aí to com um ~~brinquedo~~ - brinquedo que vai deixar
 a gente ligada e vai dar pro pegar as meninas daquele
 jeito / garoto pobre responde - não por to soava não use
 esse brinquedo não garoto rico insiste falando - toma aí
 pô em resposta ele nega novamente / garoto rico indigi-
 nado com o não fala que ^{achava} achava que ele era tão careta -
 que achava que como ele ^{morno} ~~usava~~ usava na favela ele usava de
 Boa

Conta 2°

outro dia, tudo isso na escola, e pergunto pro bio, onde que eles costumam aquela
 drogas, e bio responde, sem um traficante que mora no morro do alemão
 garoto rico ~~que~~ JA querendo mais pede pra bio o levar para
 a casa dele / chegando no ponto do traficante o garoto rico
 pede o extorção o traficante fala que não tem mais entao o
 oferece novas drogas gostando da ~~resposta~~ do traficante ele
~~ela~~ ~~usa~~ ~~mais~~ experimenta ~~esta~~ ~~vez~~ ^{Resposta} mais novas drogas
 todo final de semana era uma diferente da outra, e
 a cada dia ~~que~~ se passava ele ficava mais ~~dependente~~
 dependente do que ele usava, chegando em casa ele
 se encontra ~~uma~~ muito mal, de tanta sua namorada
 liga e ele não retorna ~~ele~~ ~~não~~ ~~vai~~ ela decide ir na
 casa dele, e o encontro fogado no chão e eles
 comecam discutir.

A namorada vai embora preocupada e irritada
 do seu amigo por causa da conversa sobre o uso de
 garoto rico, e ~~ela~~ chegando momentaneamente na casa de
 rico, ele está tendo uma convulsão, e ligamos
 para a emergência, ai vem o deslocamento do garoto
 rico.

3ª cena